



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**Centro de Excelência em Turismo**  
**Graduação de Nível Superior em Turismo**

**TECENDO OPORTUNIDADES: INCUBAÇÃO E ECONOMIA  
SOLIDÁRIA COMO ALTERNATIVA PARA A ESTRUTURAÇÃO  
DE NOVOS CAMINHOS NO TURISMO**

**TAYLANE OLIVEIRA CAMPOS**

**ORIENTADOR: Prof. Dr. João Paulo Faria Tasso**

**Brasília – 2018**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**Centro de Excelência em Turismo**  
**Graduação de Nível Superior em Turismo**

**TECENDO OPORTUNIDADES: INCUBAÇÃO E ECONOMIA  
SOLIDÁRIA COMO ALTERNATIVA PARA A ESTRUTURAÇÃO  
DE NOVOS CAMINHOS NO TURISMO**

**TAYLANE OLIVEIRA CAMPOS**

**ORIENTADOR: Prof. Dr. João Paulo Faria Tasso**

Monografia apresentada ao Centro de Excelência em Turismo – CET, da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Turismo.

**Brasília – 2018**

CAMPOS, Taylane Oliveira.

TECENDO OPORTUNIDADES: INCUBAÇÃO E ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO ALTERNATIVA PARA A ESTRUTURAÇÃO DE NOVOS CAMINHOS NO TURISMO f. 65

Monografia – Universidade de Brasília, Centro de Excelência em Turismo, 2018.

Orientador: Prof. Dr. João Paulo Faria Tasso

1. ECONOMIA SOLIDÁRIA. 2. INCUBADORAS TECNOLÓGICAS DE COOPERATIVAS POPULARES 3. GERAÇÃO DE EMPREGO E RENDA 4. TURISMO

CDU

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**Centro de Excelência em Turismo**  
**Graduação de Nível Superior em Turismo**

Monografia apresentada ao Centro de Excelência em Turismo – CET, da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Turismo.

**TECENDO OPORTUNIDADES: INCUBAÇÃO E ECONOMIA  
SOLIDÁRIA COMO ALTERNATIVA PARA A ESTRUTURAÇÃO  
DE NOVOS CAMINHOS NO TURISMO**

**TAYLANE OLIVEIRA CAMPOS**

Aprovado por:

---

Orientador: Prof. Dr. João Paulo Faria Tasso (CET/UnB)

---

Banca Examinadora: Profa. Dra. Iara Lúcia Gomes Brasileiro (CET/UnB)

---

Banca Examinadora: Profa. Dra. Tania Cristina da Silva Cruz (FUP/UnB)

Brasília, 03 de julho de 2018

Dedico esse trabalho aos meus pais amados, Maria Alcione de Oliveira Soares e João de Araújo Campos, que me ensinaram a nunca deixar de sonhar.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e por sua fortaleza sem a qual eu não teria chegado até aqui.

Aos meus pais Maria Alcione e João, por todo amor, carinho e apoio incondicionais. Por acreditarem em mim e estarem ao meu lado em todos os contratempos encontrados durante esses anos de Universidade, é por vocês que eu luto todos os dias em busca do melhor.

À minha irmã Tatiane, que há cinco anos embarcou ao meu lado na jornada de sair da casa dos nossos pais em busca dos nossos sonhos. Ensinou-me a dividir e a amar, minha caçula que me motiva a ser melhor todos os dias. Minha companheira para toda a vida.

À minha prima Juliane, por todos os seus ensinamentos, suas broncas e sua motivação. Por estar ao meu lado sempre e, principalmente, durante a realização desta pesquisa, tirando minhas dúvidas e me dando forças. Minha irmã de coração.

Às minhas tias, Ivone e Valdirene, mulheres guerreiras, as quais são meus maiores exemplos de determinação e superação e que sempre me incentivaram e acolheram.

Ao meu orientador, João Paulo Faria Tasso, por ser um excelente mestre e aceitar dispor de seu tempo para me orientar. Obrigada pela paciência, por todos os ensinamentos e por me transmitir tranquilidade durante os momentos de desespero.

Aos meus amigos do EBS (Brenda, João, Ketley, Gabryelle, Laís, Layara, Lays, e Pedro). Agradeço por todos os momentos compartilhados. Em especial, à Brenda Aryela, melhor amiga que eu poderia ter, a qual pretendo estar ao lado por toda a vida, minha companheira de viagem. Que esteve ao meu lado durante todos os meses dedicados à pesquisa, dando suporte e torcendo para que tudo desse certo. Ao meu grande amigo, João Paulo, que me acompanhou em todos os passos dessa pesquisa, me fazendo rir nos momentos de desânimo e vibrando a cada capítulo pronto. Sem ele a jornada até aqui teria sido árdua.

À Polaris Jr., por ser o espaço em que pude crescer como profissional antes de sair da academia, onde eu pude aprender, errar e ensinar. Por meio dela eu pude

vivenciar, na prática, como funciona um grupo autogestionário e aprendi a importância do trabalho em equipe. Além de conhecer pessoas maravilhosas que marcaram minha história. Em especial, a Lorraine, com que compartilhei a aventura de fazer parte da diretoria da empresa e se tornou uma grande amiga.

A todos os professores que eu tive a oportunidade de conhecer ao longo desses anos e que contribuíram para a minha formação, como pessoa e profissional.

A todos os funcionários do CET, que fizeram com que a minha segunda casa durante essa jornada, fosse acolhedora. Em especial, ao Seu Valdemir (Tio Bacana) e à Liliane. E aos que saíram antes de mim Suely e Lucena.

A todos que de alguma maneira me ofereceram uma palavra amiga, me incentivaram e contribuíram para que esse momento se concretizasse.

## RESUMO

As Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs) destinam-se a apoiar e a assessorar a criação de empreendimentos econômicos solidários e fortalecer os empreendimentos existentes, oferecendo qualificação técnica durante o período de incubação e, por meio das atividades desenvolvidas, tornam-se ambientes propícios para a troca de conhecimento entre sociedade e universidade. Segundo o IBGE, o Distrito Federal é uma das unidades federativas que possui a maior concentração de renda do país (Índice de Gini de 0,582), o que reflete um cenário de notória desigualdade social e exclusão socioeconômica. Na busca pelo fomento das discussões sobre alternativas para a mitigação desse panorama existente na Capital Federal e no entorno, o objeto central da presente pesquisa se volta ao estudo da viabilidade de implantação de uma ITCP, na área de turismo, na Universidade de Brasília, com vistas ao desenvolvimento endógeno, incluído e sustentável. E o objetivo geral que consistiu em analisar a viabilidade de implantação de uma Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares, junto a Universidade de Brasília, com vistas ao desenvolvimento turístico de forma inclusiva. Os procedimentos metodológicos e ferramentas utilizadas para alcançar o objetivo geral da pesquisa, de caráter qualitativa, foram: levantamento bibliográfico e documental; realização de entrevistas semiestruturadas com 03 atores sociais: o Diretor do Centro de Excelência em Turismo, uma Coordenadora do Centro Público de Economia Solidária do Distrito Federal e um pesquisador do Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da Universidade de Brasília; análise e reflexão crítica por meio da construção de categorias de análise. Os resultados obtidos apontaram que, ainda que seja real a possibilidade e o interesse comum de implantação desse modelo de ITCP na Universidade de Brasília, são claras as limitações que tendem a dificultar a consolidação do projeto.

**Palavras-Chave:** Economia Solidária. Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares. Geração de Emprego e Renda. Turismo.

## **ABSTRACT**

The Technological Incubators of Popular Cooperatives are destined to support and to advise the foundation of solidary economical enterprises and to strengthen the existent enterprises, offering technical qualification during the incubation period and, through the developed activities, they become adapt favorable for the knowledge exchange between society and university. According to IBGE, Federal district is one of the federal units that possesses the largest concentration of income of the country (Index of Gini 0582), what reflects a scenery of well-known social inequality and socioeconomic exclusion. In the search for the fomentation of the discussions on alternatives for the mitigation of such an existent scenery in the Federal Capital and surrounding cities, the central object of the present researches returns to the study of the viability of implantation of an ITCP, in the area of tourism, in the University of Brasília, with views to the endogenous development, inclusive and maintainable. And the general objective that it consisted of analyzing the viability of implantation of a Technological Incubator of Popular Cooperatives, close to University of Brasília, with views to the tourist development in an inclusive way. The methodological procedures and tools used to reach the general objective of the research, of qualitative character, they were: bibliographical and documental rising; accomplishment of interviews semi-structured with 03 social actors: the Director of the Center of Excellency in Tourism, a Coordinator of the Public Center of Solidary Economy of Federal district and a researcher of the Center of Support to the Technological Development of the University of Brasília; analysis and critical reflection through the construction of analysis categories. The obtained results pointed that, although it is real the possibility and the interest common of implantation of that model of ITCP in the University of Brasília, they are clear the limitations that tend to hinder the consolidation of the project are clear.

**Keywords:** Solidarity Economy. Technological Incubators of Popular Cooperatives. Generating employment and income. Tourism.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1: Localização do Distrito Federal e RIDE.....	19
Figura 2: Cidade Livre.....	20
Figura 3. Fases de Incubação.....	35
Figura 4. Metodologia de Incubação .....	36
Figura 5: Interior do Centro Público de Economia Popular e Solidária do DF.....	46

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1. Comparativo de Distribuição de Renda por Região Administrativa .....	16
--------------------------------------------------------------------------------	----

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1: IFDM e áreas de Desenvolvimento .....	22
Gráfico 2: Evolução do Indicador de Emprego e Renda – de 2005 a 2013 .....	23

## **LISTA DE ABREVIACÃO E SIGLAS**

CDT – Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico

CET – Centro de Excelência em Turismo

CPES – Centro Público de Economia Solidária

CODEPLAN - Companhia de Planejamento do Distrito Federal

DF – Distrito Federal

ES – Economia Solidária

EES – Empreendimentos Econômicos Solidários FBES – Fórum Brasileiro de Economia Solidária

FBB – Fundação Banco do Brasil

FESDFE - Fórum de Economia Solidária do Distrito Federal e Entorno

GT – Grupo de Trabalho

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IFDM - Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal

ITCP – Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares

MTE – Ministério do Trabalho e Emprego

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

PRONINC - Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares

RA - Região Administrativa

RIDE/DF – Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno

SENAES – Secretaria Nacional de Economia Solidária

OTDF – Observatório do Turismo do Distrito Federal

UnB – Universidade de Brasília

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE FIGURAS</b> .....	10
<b>LISTA DE TABELAS</b> .....	11
<b>LISTA DE GRÁFICOS</b> .....	12
<b>LISTA DE ABREVIACÃO E SIGLAS</b> .....	13
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>CAPÍTULO 1 – DISTRITO FEDERAL E SUAS FACETAS</b> .....	18
1.1. Localização Geográfica e Demografia .....	18
1.2. Aspectos Históricos – Evolutivos .....	19
1.3. Aspectos Socioeconômicos.....	21
1.4. Turismo no Distrito Federal.....	24
1.5. Economia Solidária no DF.....	25
<b>CAPÍTULO 2 - ECONOMIA SOLIDÁRIA, TURISMO E INCUBADORAS</b> .....	28
2.1. Economia Solidária: Conceito e História.....	28
2.2. Economia Solidária e Turismo .....	32
2.3. Incubadoras .....	33
2.3.1. Incubadoras de empresas .....	34
2.3.2. Incubadoras de Cooperativas Populares .....	34
2.3.3. <i>Cases</i> de sucesso.....	40
<b>CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA</b> .....	43
3.1. Pré-campo .....	43
3.1.1. Análise bibliográfica e documental.....	43
3.1.2. Elaboração de instrumentos de pesquisa .....	44
3.1.3. Contatos prévios com atores locais .....	44
3.1.4. Preparação de material .....	45
3.1.5. Incursões preliminares.....	45
3.2. Campo .....	46
3.2.1. Observação <i>in loco</i> .....	47
3.2.2. Realização das entrevistas semiestruturadas .....	47
3.3. Pós-campo.....	48
<b>CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS RESULTADOS</b> .....	49
4.1. Perfil dos Entrevistados .....	49
4.2. Identificação de potenciais demandantes.....	49
4.3. Desafios para o potencial ofertante.....	52
4.4. Experiência de um exemplo consolidado.....	53
<b>CONSIDERAÇÕES</b> .....	56
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	59
<b>APÊNDICES</b> .....	63

# INTRODUÇÃO

O objeto da presente pesquisa é o estudo da viabilidade de implantação de uma Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP), na área de turismo, na Universidade de Brasília, com vistas ao desenvolvimento endógeno, includente e sustentável.

As ITCPs são entidades de apoio e fomento à Economia Solidária (ES), que buscam auxiliar na inserção social e econômica de grupos marginalizados, desenvolvendo ações de incubação por meio de assessoria especializada, além de assessorar na criação e na gestão de empreendimentos econômicos solidários (EES) e de cooperativas de trabalhadores. Atuam, ainda, como espaços de estudos, pesquisas e desenvolvimento de tecnologias, com foco na autogestão.

Segundo dados levantados pela Avaliação do Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares (PRONINC), existiam, no ano de 2017, em torno de 84 ITCPs em todo o Brasil. Estima-se que os empreendimentos incubados por elas foram responsáveis pela inclusão socioeconômica de cerca de 30 mil pessoas antes desassistidas (PERISSÉ *et al*, 2017).

De acordo com os dados das incubadoras identificadas e avaliadas pelo PRONINC, o Centro-Oeste está entre as regiões com menor participação, abrangendo somente 16% do total, seguido da região Norte, com 7% (PERISSÉ, *et al*, 2017).

Buscando contribuir para a ampliação do número de ITCPs no Centro-Oeste, e com base no cenário do Distrito Federal/DF. Foi identificado que apesar de possuir duas incubadoras, a Universidade de Brasília não está incluída na Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (Rede de ITCPs). Essa Rede tem como propósito integrar, de forma dinâmica, as incubadoras, disseminando as suas tecnologias e seus conhecimentos (ITCP/COPPE, 2018).

Brasília se apresentou como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, em 1987. Além disso, é um destino marcado por sua arquitetura inconfundível de traços distintos, formados pelas quatro escalas (Gregária, Monumental, Residencial e Bucólica) de Lúcio Costa. Afora os atrativos arquitetônicos, Brasília possui em sua extensão possibilidade de roteiros naturais, culturais, gastronômicos, religiosos e rurais,

além de ser ponto de entrada para outras cidades turísticas que circundam o Distrito Federal.

Dentre os fatores que determinam o desenvolvimento econômico do Distrito Federal, atividades relacionadas ao turismo têm tido cada vez mais uma contribuição representativa, pois representam cerca de 2,5% do PIB local, além de possuir potencial para geração de emprego e renda nos setores de alimentação e alojamento (OTDF, 2013).

De acordo com o Observatório do Turismo do Distrito Federal (OTDF), 35,3% dos turistas que visitam Brasília no período de alta temporada (março/junho e agosto/novembro) são resultantes do turismo de negócios e eventos, e 34,1% com foco em visita a amigos e familiares na baixa temporada (dezembro a fevereiro e julho). Essas são as duas maiores motivações para um turista visitar Brasília e, dentre as atividades mais praticadas, estão as ligadas ao segmento de turismo cívico e arquitetônico (OTDF, 2013).

O Distrito Federal é uma das unidades federativas que possuem a maior concentração de renda do país, o que, de fato, é importante para o seu desenvolvimento. Porém, a renda elevada é restrita a algumas regiões administrativas.

Como, pode ser visto na **Tabela 1**, o rendimento de algumas regiões, como o Lago Sul, chega a R\$ 7.913,00 *per capita* e, quando comparado a outras regiões como a Estrutural, que tem a sua renda domiciliar *per capita* em torno de R\$ 522,00, mostra a forte presença da desigualdade na realidade da capital.

**Tabela 1: Comparativo de Distribuição de Renda por Região Administrativa**

<b>Região Administrativa</b>	<b>Habitantes</b>	<b>Renda Domiciliar <i>per capita</i> (R\$)</b>
<b>RA's com MAIOR renda domiciliar per capita</b>		
<b>Lago Sul</b>	28.981	7.913,00
<b>Sudoeste/Octogonal</b>	52.990	6.580,00
<b>Plano Piloto</b>	210.067	5.520,00
<b>Park Way</b>	19.803	5.115,00
<b>RA's com MENOR renda domiciliar per capita</b>		
<b>Estrutural</b>	38.429	522,00
<b>Fercal</b>	8.288	626,00
<b>Varjão</b>	8.453	628,00

<b>Itapoã</b>	67.238	702,00
---------------	--------	--------

**Fonte:** Própria autora a partir de dados da CODEPLAN, 2017.

De acordo com o Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal, o componente “emprego e renda” de Brasília possui uma classificação de desenvolvimento considerado “moderado”. Mas, se comparado aos outros componentes, como “educação” e “saúde”, o número é relativamente abaixo do esperado.

Frente aos dados apresentados, a pesquisa se orienta pela seguinte pergunta: em que medida a criação de uma ITCP, com foco na área de turismo, e implantada na Universidade de Brasília, pode contribuir com a geração de trabalho e renda no Distrito Federal?

O objetivo geral desse trabalho consiste em analisar a viabilidade de implantação de uma Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares, junto a Universidade de Brasília, com vistas ao desenvolvimento turístico de forma inclusiva.

Para que esse objetivo geral possa ser cumprido, foram estabelecidos quatro objetivos específicos:

- a) Contextualizar socioeconomicamente o cenário local e turístico do Distrito Federal;
- b) Compreender o processo de incubação sob os pressupostos da economia solidária, assim como levantar *cases* de sucesso;
- c) Reconhecer o estado da arte dos temas centrais do trabalho;
- d) Refletir sobre as percepções dos atores (vinculados à temática) a respeito da proposta de implantação de uma ITCP na UnB.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos, afora esta Introdução e a Conclusão. O primeiro capítulo contempla a contextualização multidimensional do cenário local e turístico do *loco* de pesquisa. O segundo capítulo contém a discussão teórica que trata sobre os temas centrais da pesquisa, como economia solidária, turismo e incubadoras, além da busca de compreensão do processo de incubação de cooperativas populares e de *cases* de sucesso. No terceiro capítulo, são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados para a realização do trabalho. Por fim, no último capítulo, é realizada uma análise e reflexão crítica do material coletado nas fases de pré-campo e campo, a fim de verificar pontos convergentes e/ou divergentes quanto à possibilidade de implantação de uma ITCP na área de turismo na UnB.

# CAPÍTULO 1: DISTRITO FEDERAL E SUAS FACETAS

Neste capítulo é apresentada a contextualização multidimensional do Distrito Federal, que tem como seus principais pontos: os aspectos histórico-evolutivos e socioeconômicos, além de uma breve caracterização do turismo e do cenário que envolve a economia solidária local.

## 1.1. Localização Geográfica e Demografia

Localizado no Planalto Central, o Distrito Federal possui cerca de 5.779,997 km<sup>2</sup> (IBGE, 2016). A população brasileira é estimada em, cerca de, 2.906.574 de habitantes, dos quais sua grande maioria reside na área urbana (CODEPLAN, 2017).

É dividido em 31 regiões administrativas: Brasília, Gama, Taguatinga, Brazlândia, Sobradinho, Planaltina, Paranoá, Núcleo Bandeirante, Guará, Cruzeiro, Samambaia, Santa Maria, São Sebastião, Recanto das Emas, Lago Sul, Riacho Fundo, Lago Norte, Candangolândia, Águas Claras, Riacho Fundo II, Sudoeste/Octogonal, Varjão, Park Way, SCIA, Sobradinho II, Jardim Botânico, Itapoã, SIA, Vicente Pires e Fercal.

O Distrito Federal (DF) faz parte da Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno (RIDE/DF), a qual abrange alguns municípios de Goiás e de Minas Gerais, conforme pode ser visto na **Figura 1**.



**Figura 1: Localização do Distrito Federal e RIDE**  
**Fonte: CORSAP – DF/GO, 2018.**

Região de clima tropical, o Distrito Federal é ocupado pelo Cerrado, segundo maior bioma da América do Sul e onde se encontram as cabeceiras de afluentes de três dos maiores rios brasileiros: o Rio Maranhão (afluente do Rio Tocantins); o Rio Preto (afluente do São Francisco); e os rios São Bartolomeu e Descoberto (tributários do Rio Paraná). (GOVERNO DE BRASÍLIA, 2018)

## **1.2. Aspectos Histórico – Evolutivos**

Brasília nasce da necessidade de mudança da capital do país para o interior. Foi colocada como proposta em 1891, na primeira constituição republicana. Contudo, teve o seu projeto de criação iniciado a partir de 1982, com a Missão Cruls, que demarcou o quadrilátero do Distrito Federal, a qual registrou dados ambientais e culturais do espaço demarcado e da população residente (ARRUDA, 2016).

Em 1922 foi lançada a pedra fundamental<sup>1</sup> de Brasília, próxima ao povoado de São Sebastião de Mestre D'Armas, atual região administrativa de Planaltina. Nesse período, o Planalto Central possuía um índice baixo de concentração urbana, restrito a pequenos povoados e fazendas (ARRUDA, 2016).

Com a intuito de promover o povoamento e o desenvolvimento do território, e como parte do projeto “50 anos em 5”, do Presidente Juscelino Kubitschek, em 1956, deu-se o início da construção da nova Capital, pelos traçados de Lúcio Costa. Tal construção atraiu um grande número de trabalhadores, provenientes das correntes migratórias rurais e urbanas, advindos principalmente da região Nordeste, de Minas Gerais e de Goiás, o que alterou o número da população estimada para a capital (CARVALHO, 2008).

Conhecidos como “candangos” ou “pioneiros”, os trabalhadores que migraram para a capital trouxeram consigo a ideia de que a capital era a terra prometida do sonho de Dom Bosco, e buscaram fincar raízes na cidade. Assim, nasceram os acampamentos que deram origem a regiões administrativas, antigas cidades satélites, como a Cidade Livre (ver **Figura 2**), atual Núcleo Bandeirante, além de Taguatinga, Ceilândia e Vila Planalto (CARVALHO, 2008).



**Figura 2: Cidade Livre**  
**Fonte:** *Site Notibras*, 2016.

---

<sup>1</sup> Monumento erguido em comemoração ao centenário da Independência do Brasil, que identificou o local da futura Capital, localizado a 8km do centro de Planaltina/DF no Morro do Centenário (SILVA, 2015)

Considerada um marco na história do planejamento urbano, Brasília foi o primeiro conjunto urbano do século XX, reconhecido pela Unesco como Patrimônio Mundial em 1987.

O seu conjunto urbano compõe os princípios urbanísticos e arquitetônicos do movimento moderno e, em 14 de março de 1990, foi inscrito no Livro de Tombo Histórico pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A Capital Federal, além de ser a sede do Governo Federal, é considerada um grande centro prestador de serviços, que possui um acervo arquitetônico, urbanístico e paisagístico de grande beleza e singularidade. É conhecida como cidade-parque, densamente arborizada, emoldurada pelo Lago Paranoá (IPHAN, 2018).

### **1.3. Aspectos Socioeconômicos**

O Distrito Federal possui um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,8238, o que caracteriza a região como uma das mais desenvolvidas do país (PNUD, 2010).

Em contraponto, o Coeficiente de Gini, utilizado para medir a concentração de renda (e conseqüentemente a desigualdade), é de 0,582, o que revela que a distribuição de renda da cidade apresenta um quadro de desigualdade econômica (IBGE, 2014).

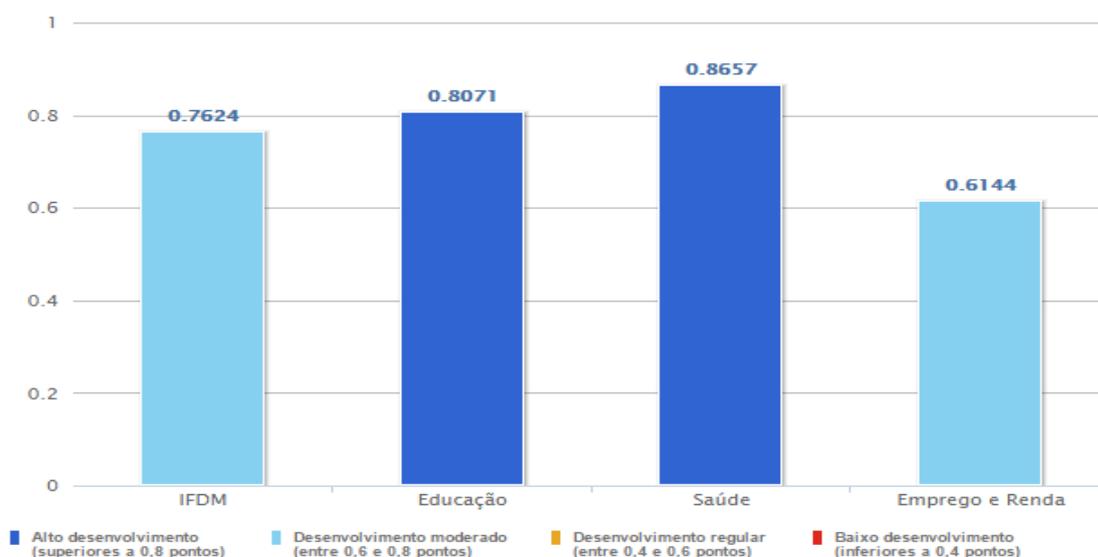
Essa desigualdade pôde ser medida, de forma mais exemplificada, por meio do Mapa das Desigualdades, lançado em 2016, construído por meio de uma parceria entre o Movimento Nossa Brasília, Inesc e Oxfam Brasil. O Mapa faz uma análise da desigualdade existente no Distrito Federal, comparando a qualidade de vida dos moradores do Plano Piloto a dos residentes de três regiões administrativas: Samambaia, São Sebastião e Estrutural. Os indicadores utilizados foram escolaridade, saúde, cultura, trabalho e emprego, mobilidade urbana, segurança e saneamento básico.

Por meio dos dados coletados, a partir da análise de cada indicador e suas variáveis para produção do *Desigualtômetro*, foi possível notar que a distribuição desigual de renda afeta drasticamente a condição de vida dos residentes das regiões administrativas, quando comparadas às condições dos residentes do Plano Piloto (MOVIMENTO NOSSA BRASÍLIA, 2016).

O Produto Interno Bruto do Distrito Federal (PIB-DF) alcançou R\$ 186.294,00 bilhões, em valor adicionado “bruto” a preços correntes, no ano de 2015. Esse valor proporcionou ao DF a oitava colocação entre as maiores economias do Brasil. Dividido em três grandes setores, o setor de Serviços (como preponderante na economia do DF) teve com valor adicionado bruto R\$ 175.671,00 bilhões. Seguido pela Indústria, que movimentou cerca de R\$ 9.997,00 bilhões. Já a Agropecuária movimentou somente 626,000 bilhões, diferente dos demais, apresentou uma queda significativa, se comparado ao ano de 2014, ao arrecadar R\$ 144.000,00 bilhões a menos (IBGE, 2015).

O Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal (IFDM) foi o indicador escolhido para esta pesquisa como critério de análise do desenvolvimento socioeconômico do DF, por ser um índice de leitura simples (que varia de 0 a 1 ponto) e com maior atualização dos dados. O IFDM classifica o nível de cada localidade em quatro categorias: baixo, regular, moderado e alto. Quanto mais próximo de “1”, maior será considerado o nível de desenvolvimento da localidade.

O IFDM acompanha o desenvolvimento de três componentes: educação, saúde, e emprego e renda. O IFDM consolidado do DF, em 2013, foi de 0.7624, conforme **Gráfico 1**, o qual colocou a Capital em 889ª lugar no *ranking* nacional, fazendo parte dos 374 municípios classificados como de desenvolvimento “moderado” (FIRJAN, 2013).



**Gráfico 1: IFDM e áreas de Desenvolvimento**

Fonte: Sistema Firjan, 2015.

Dos três componentes do índice, os dois com maiores valores são o de “saúde” (0.8657), seguido do componente de “educação” (0.8071), ambos considerados de “alto desenvolvimento”. Diferentemente, o componente “emprego e renda” é considerado de desenvolvimento “moderado” (0.6144), abaixo da média se comparado aos dois primeiros.

Para este estudo fez-se necessária a análise histórica de flutuação do índice de “emprego e renda”, entre os anos de 2005 a 2013, conforme **Gráfico 2**. Esse indicador, em específico, é concebido pelo Sistema Firjan por meio de informações do Ministério do Trabalho e Emprego, com base em dados referentes a geração de emprego formal, absorção da mão de obra local, geração de renda formal, salários médios do emprego formal e desigualdade.



**Gráfico 2: Evolução do Indicador de Emprego e Renda – de 2005 a 2013**  
**Fonte: Sistema Firjan, 2015.**

Em uma breve análise pôde-se observar que o indicador de “emprego e renda”, mesmo com flutuações, sofreu um claro decaimento entre os anos de 2005 e 2013, último ano avaliado pelo índice. Esses dados apontam para uma oscilação que afeta negativamente a soma do IFDM total.

#### **1.4. Turismo no Distrito Federal**

O cenário turístico de Brasília pode ser dividido em duas faces: “Brasília Capital” e “Brasília Cidade”. A primeira pode ser simbolizada pela Esplanada dos Ministérios, o centro do poder do país, constantemente divulgado pelas mídias. A segunda, erroneamente associada à frieza, à mesmice e ao tédio, esconde uma cidade pulsante, que está em constante crescimento (STEINBERGER *et al*, 2009).

Por possuir características distintas, em suas diversas regiões administrativas, o Distrito Federal tem grande potencialidade para desenvolver roteiros turísticos que vão além do cívico e arquitetônico. Dentre eles, estão os roteiros gastronômicos, culturais, religiosos, rurais, alternativos.

Os atrativos turísticos do DF podem ser divididos em duas categorias: culturais e naturais. Das características culturais destacam-se a Praça dos Três Poderes, os palácios, a Catedral, os museus e memoriais. A grande maioria dos atrativos visitados está localizada no Plano Piloto.

Entre os vários atrativos naturais destacam-se o Parque Ecológico “Água Mineral” e o Parque da Cidade “Sarah Kubitschek”, esse último fundado em 1978, e considerado o maior parque urbano da América Latina, com 420 hectares. Conta com diversos atrativos, especialmente para práticas esportivas, como: quadras de vôlei, futebol, basquete, pista de *cooper*, parque de diversões, quiosques, lago artificial e área para realização de eventos culturais (OTDF, 2017).

O Distrito Federal possui ainda, opções de atividades voltadas para o ecoturismo e o turismo rural. Entre os atrativos se encontram: a Chapada Imperial reserva ecológica e maior área de mata particular preservada do DF, o Poço Azul que possui cachoeiras de águas cristalinas e a Cachoeira do Tororó, ambos localizados em regiões administrativas localizadas perto de Brasília.

Em relação aos equipamentos turísticos, a cidade possui, atualmente, 1.141 equipamentos de alimentação cadastrados na base de dados do Observatório do Turismo do Distrito Federal, distribuídos em várias categorias, como: bares, cafeterias, lanchonetes, quiosques e restaurantes. Desses, 614 equipamentos estão divididos entre bares e restaurantes (OTDF, 2017).

Dispõe de 361 equipamentos de hospedagens (hotéis, motéis, pousadas, *flats*, *apart* hotéis, cama e café, pousadas rurais, albergues e pensões). A maioria dos visitantes (66%) tem como preferência a hospedagem em hotéis, e 19% dão preferência para a casa de parentes e amigos (OTDF, 2017).

O gasto médio total de um turista em uma estada média de três dias em Brasília é de R\$ 1.431,84, incluindo despesas com hospedagem, transporte e alimentação. O valor das despesas com hospedagem é, em média, de R\$ 207,37, com transporte é de R\$ 613,61 (incluindo passagens), e com outras despesas é de R\$ 610,86 (OTDF, 2017).

### **1.5. Economia Solidária no DF**

O cooperativismo rural antecede a Economia Solidária (ES) no DF. Ele surgiu com a construção da Capital Federal e com o aumento da demanda por produtos alimentícios na região. Com essa lacuna de oportunidades os produtores rurais começaram a se organizar em associações e cooperativas, com o objetivo de suprir a demanda do mercado. Esse fator contribuiu para o crescimento do número de cooperativas agrícolas no DF (CARVALHO, 2008).

Com a inauguração da Capital, e a consolidação do setor econômico, esse cenário passou por mudanças significativas, o que deu início ao desenvolvimento da economia solidária na região (CARVALHO, 2008).

O Distrito Federal, diferentemente de outros Estados, tem a sua economia dominada pelo setor de serviços, em que o comércio e o funcionalismo público possuem um amplo espaço. Iniciativas relacionadas ao modo alternativo à economia capitalista no DF têm seu início datado com o surgimento dos primeiros Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) na região (CARVALHO, 2008).

Os EES são organizações coletivas de trabalhadores, do meio urbano e rural, que dividem coletivamente a gestão das atividades e a distribuição dos resultados. O conceito abrange empreendimentos que estão em processo de formalização e ou implantação (SENAES, s.d.).

Com a crise econômica no país na década de 90, o número de EES foi ampliado como forma de resistência a uma grande mudança no setor de serviços de Brasília. A crise culminou no aumento da exclusão social. Essa mudança passou a exigir um perfil de trabalhador com maior critério de qualificação e nível educacional elevado (FRANÇA FILHO, 2006).

O movimento começou a ganhar força a partir de 2003, com a Criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), que integrou o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) até o ano de 2016. A SENAES tinha entre os seus objetivos promover o conhecimento da realidade da economia solidária no Brasil, por meio de ações como a criação de políticas voltadas para o fortalecimento e para a criação de incubadoras, cooperativas e bancos comunitários, com o intuito de tornar a ES um instrumento de combate à pobreza e a desigualdade econômica do país (FRANÇA FILHO, 2006).

Entre os seus programas destaca-se o Mapeamento Nacional de Empreendimentos Econômicos Solidários, finalizado em 2013. Dados da pesquisa apontaram que, no DF, existem cerca de 246 EES, dos quais 197 atuam na área urbana (SENAES, 2013).

Outras iniciativas dão suporte à consolidação da ES no DF, como o Fórum de Economia Solidária do Distrito Federal e Entorno (FESDFE), que atua desde 2003, vinculado ao Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES).

O FESDFE é um espaço permanente de representação, diálogo, articulação, discussão, proposição, formação, troca de saberes e fomento ao desenvolvimento da Economia Solidária no Distrito Federal e Entorno, que atua em conjunto com os diversos grupos sociais envolvidos na área. Entre eles, destacam-se os EES, os gestores públicos e as entidades de assessoria e fomento, que atuam em prol dos princípios e valores da ES (FESDFE, 2018).

O Fórum atua com o propósito de fortalecer o Movimento de Economia Solidária, mediante a representação e articulação de seus valores frente à sociedade e aos poderes públicos no DF e Entorno. Entre os seus objetivos específicos estão o desenvolvimento sustentável solidário, e a formação e o financiamento de iniciativas voltadas para o fomento da ES no DF.

O FESDFE se organiza em Grupos de Trabalhos (GTs) divididos nas seguintes áreas: Finanças Solidárias, Formação, Comercialização, Juventude e Centro Público de Economia Solidária (CPES). (FESDFE, 2018).

O último GT atuou com o objetivo de propor diretrizes para a parceria entre o poder público e o Fórum, o que culminou na criação do Centro Público de Economia Popular e Solidária do Distrito Federal (CPES - DF), inaugurado em 2017, considerado um espaço de apresentação da ES, do cooperativismo e do associativismo, com o objetivo de atender, orientar e mapear as iniciativas voltadas para a geração de trabalho e renda (MTE, 2018).

Como um dos primeiros resultados do diálogo entre o Fórum e a gestão pública, foi criada a Lei nº 4.899, de 08 de agosto de 2012, que institui a Política Distrital de Fomento à Economia Popular e Solidária, que têm por finalidade a implementação de políticas que visem à promoção de atividades econômicas autogestionárias, o incentivo aos empreendimentos econômicos solidários, bem como, a criação de novos grupos e sua integração a redes associativistas e cooperativistas de produção, comercialização e consumo de bens e serviços (GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL, 2012).

No que tange à relação do turismo e da economia solidária no DF, ao realizar uma busca geral sobre o assunto, pôde-se perceber, por meio de informações do *site* da Secretaria Adjunta de Turismo, que não há iniciativas ligadas diretamente ao tema.

Entretanto, ao analisar atentamente as informações contidas no *site* oficial da Secretaria, foi possível encontrar uma relação indireta, a qual é salientada pelo fomento ao artesanato. O artesanato se caracteriza como o setor que mais mobiliza grupos populares, e se faz presente em eventos, feiras, exposições, entre outros, além de ser considerada a maior atividade responsável pela geração de emprego e renda por meio da ES e do cooperativismo popular, presentes na economia de Brasília.

## **CAPÍTULO 2: ECONOMIA SOLIDÁRIA, TURISMO E INCUBADORAS**

Neste capítulo são apresentados os temas centrais da pesquisa, dos quais destacam-se o conceito e a história da Economia Solidária no mundo e no Brasil, e a sua relação com o Turismo. São tratados, também, aspectos precípuos sobre Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares e *cases* de sucesso.

### **2.1. Economia Solidária: conceito e história**

A economia solidária é considerada um modo alternativo à economia capitalista, tendo como objetivo a geração de trabalho e renda, de natureza cooperativista e associativista, e como vocação combinar a dimensão comunitária com a dimensão pública na sua ação. Trata-se do trabalho de todos em busca de um bem comum. (SINGER, 2002)

A economia solidária tem sido utilizada como uma ferramenta de combate à exclusão econômica e social, gerada pelo modo capitalista. Em suma, busca dar enfoque à solidariedade em uma sociedade voltada para a competitividade e o individualismo decorrentes do modo de produção hegemônico capitalista.

Entre seus mais diversos conceitos, a ES pode ser caracterizada como um conjunto de atividades econômicas organizadas e realizadas por trabalhadores, de forma solidária, coletiva e autogestionada (SENAES, s.d.).

O seu surgimento é datado no século XIX, na Europa, pós-revolução industrial, e possui como fase inicial o cooperativismo operário, que nasceu com o movimento dos trabalhadores em prol de boas condições de trabalho, em resposta ao aumento do número de desempregados e da remuneração baixa. Essas foram as primeiras ações coletivas realizadas e identificadas.

Um dos seus precursores foi o britânico e socialista Robert Owen. Proprietário de um complexo têxtil na Grã-Bretanha, Owen assumiu uma postura revolucionária ao focar no bem estar de seus assalariados, reduzindo a jornada de trabalho, proibindo o emprego de crianças, e erguendo escolas para elas. Tal postura resultou em maior

produtividade no trabalho e, mesmo com o maior gasto na folha de pagamento, Owen, passou a gerar mais lucro ao seu complexo (SINGER, 2002).

Com a depressão que assolou a Grã-Bretanha, pós-revolução, Owen apresentou um plano para o governo, que buscava auxiliar no sustento dos pobres. Consistia na criação de “aldeias cooperativas” que, em sua essência, se assemelha com as iniciativas de fomento a ES existentes atualmente, onde haveria troca de recursos entre as aldeias, em busca de sua própria subsistência. (SINGER, 2002)

Outro pensador importante na fase inicial da Economia Solidária na Europa foi Charles Fourier que, na França, criou um sistema chamado de “falanstério”. Tratava-se de uma grande comunidade, onde as pessoas teriam a possibilidade de escolha entre trabalhos diversos. A sua ideia central era que a sociedade deveria se organizar de forma que todas as paixões humanas pudessem ter livre curso, para produzir uma harmonia universal, onde o principal objetivo dessa organização social seria dispor o trabalho de tal forma que se tornasse atraente para todos, o que resultaria em aumento de produtividade (SINGER, 2002).

Desta maneira, é possível destacar quatro formas principais de manifestação da economia solidária, a partir da definição do fenômeno como um movimento multiforme de experiências. São elas: o comércio justo, a finança solidária, a economia sem dinheiro e as empresas sociais. (FRANÇA FILHO, 2004)

As organizações de comércio justo buscam estabelecer contratos com grupos de pequenos produtores, organizados em cooperativas, para a compra e venda de produtos, buscando eliminar ao máximo o número de intermediários entre o produtor e consumidor, a fim de que, assim, ambos possam ter uma troca justa (FRANÇA FILHO, 2004).

Entre os seus princípios encontram-se: estímulo à integração de todos os elos da cadeia produtiva; transparência nas relações de produção, comercialização e consumo; respeito a diversidade; respeito ao meio ambiente; apoio ao desenvolvimento local em direção a sustentabilidade; garantia de condições justas de produção, trabalho, remuneração, agregação de valor e comercialização; e fortalecimento da democracia (SISTEMA NACIONAL DE COMÉRCIO JUSTO E SOLIDÁRIO, s.d.).

Já o objetivo da finança solidária é permitir que pessoas excluídas do sistema bancário possam criar a sua própria fonte de renda, com o acesso ao crédito. Um bom exemplo desse tipo de atividade é o *Grameen Bank*, em Bangladesh, que é considerado o primeiro banco para pobres no mundo, o qual apoia iniciativas de camponeses sem terra (FRANÇA FILHO, 2004).

Outro exemplo, desta vez com foco na realidade brasileira, é a “Associação de Moradores do Conjunto Palmeira”, em Fortaleza, conhecido como “Banco Palmas”, um banco popular que financia diversas atividades solidárias, inclusive a criação de uma moeda social no Bairro, o Palmas (FRANÇA FILHO, 2004).

O terceiro aspecto da economia solidária refere-se a iniciativas que participam da criação de formas alternativas de trocas e/ou intercâmbios econômicos. Agem em contraponto àquelas praticadas segundo a lógica do mercado capitalista. Essas iniciativas se dão em uma escala local, fomentando uma dinâmica de dívidas e de créditos a favor de uma perpetuação das relações sociais. A economia sem dinheiro traz uma nova forma de troca, por meio de um sistema de compensação onde são trocados bens e serviços (FRANÇA FILHO, 2004).

Por último, entre as definições de empresas sociais, vale ressaltar a que traz a empresa social como uma empresa que não é nem pública e nem privada. Caracterizada como uma “empresa de inserção”, é utilizada para disseminar políticas sociais. As empresas sociais não têm como principal objetivo a maximização do lucro, mas trabalham em prol da satisfação de objetivos sociais e econômicos (FRANÇA FILHO, 2004).

No Brasil, a ideia de economia solidária tem um vínculo importante com uma tradição antiga, a economia popular. Por conta deste vínculo, muitos preferem tratar esse campo de práticas como economia popular e solidária (FRANÇA FILHO, 2006).

A economia popular diz respeito a um conjunto de atividades de produção, comercialização ou prestação de serviços. Tais atividades são efetuadas coletivamente pelos grupos populares, os quais são residentes de bairros pobres e marginais das grandes cidades. Esses grupos, normalmente, se estruturam de maneira informal, onde tecem laços comunitários (FRANÇA FILHO, 2006).

Cabe ressaltar que, para compreender como se estabelece a economia solidária no contexto brasileiro, é importante levar em conta a diversidade das formas de organização existentes em âmbito nacional e, ainda, o nível de estruturação e institucionalização que influenciam seu planejamento.

Além disso, essa alternativa ao modo capitalista se desenvolve em conjunto com os movimentos sociais brasileiros, os quais se organizam em prol da democracia e da solidariedade, utilizando como base a realidade do cenário local em que estão inseridos, mas que, em alguns casos, se organizam de tal forma que alcançam níveis nacionais, como é o caso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que atua nas áreas rurais.

O movimento possui uma estrutura de organização complexa, trabalhando de forma cooperativa e, em muitos casos, solidária, onde os integrantes vivem em comunidades estruturadas de forma distinta das grandes cidades, em que todos têm o poder de voz ativa, e a utiliza para apresentar reivindicações.

Por essa ligação com os movimentos sociais, a economia popular solidária passa a ter um maior nível de institucionalização a partir da criação da SENAES, e de outras entidades de apoio e fomento.

A E.S é representada por suas ações comunitárias em fóruns e outros eventos com a temática. Nesses eventos são formulados conceitos, e discutidas políticas e ações públicas em âmbito nacional. Esses espaços de discussão são abertos a todos os trabalhadores da E.S.

Tais trabalhadores caracterizam a E.S como concepções e práticas fundadas em prol da colaboração solidária, motivada por valores culturais que têm como foco a plenitude ética e lúdica do ser humano, a qual tem como finalidade uma prática econômica, ambientalmente sustentável e socialmente justa, ao invés da acumulação privada do capital (NESOL-USP, 2015).

Outra característica da ES é a cooperação, que pode ser considerada a base das empresas autogestionárias, das associações comunitárias de produção, e de outros grupos informais produtivos. A partir da cooperação é gerada a união dos interesses e objetivos comuns, e a partilha dos resultados e dos meios de produção dos EES (SENAES, s.d.).

A Economia Solidária tem como princípio central a autogestão, uma forma de organização produtiva que tem como foco o exercício de práticas participativas nos processos de trabalho dos EES. É considerada um dos aspectos mais importantes, pois, ela está presente nas definições estratégicas e cotidianas, e na direção e coordenação de todas as ações realizadas pelos associados. Deste modo, todo o conhecimento produzido deve ser repassado para todos, e cada um dos atores envolvidos tem um papel importante na organização (CULTI *et al.*, 2010).

## **2.2. Economia Solidária e Turismo**

O turismo é considerado uma prática social, que tem como objeto de consumo o espaço geográfico, e envolve o deslocamento de pessoas pelo território. Ele transforma lugares e introduz no espaço objetos definidos, que podem ser utilizados para o desenvolvimento da atividade turística (DA CRUZ, 2003).

Pode ser visto como um agente transformador das localidades, capaz de influenciar na economia. Quando bem estruturado, tem o potencial de transformar uma realidade. Mas, quando utilizado como meio de exploração do espaço, pode contribuir com o aumento da desigualdade socioeconômica.

Dentre os diversos âmbitos em que a economia solidária pode se desenvolver e ser aplicada, o turismo é destacado, pois antes de ser tido como uma atividade econômica complexa, é um fenômeno social. O turismo envolve diversos atores sociais, bem como seu comportamento, sua cultura e tudo que influencia seu modo de agir, pensar e ver o mundo. Com isso, o turismo pode ser realizado de diversas formas, de acordo com quem o pratica e o desenvolve (MOESCH, 2004).

O turismo pode se relacionar com a economia solidária de duas formas distintas: no primeiro caso, as iniciativas solidárias trabalham como fornecedoras de produtos e de serviços aos empreendimentos da cadeia produtiva do turismo. Desta forma, o turismo tem somente influência econômica na realidade das iniciativas (IGREJA, s.d.). No segundo caso, o turismo pode ser organizado e desenvolvido como uma prática social, a partir de uma base comunitária, onde a comunidade local passa a ter autonomia e ser proprietária dos meios de produção, por se tornarem responsáveis pela organização da atividade (IGREJA, s.d.).

O turismo comunitário, ou turismo de base comunitária, tem como característica central o trabalho de comunidades e de grupos comunitários. Esse tipo de ação se contrapõe ao individualismo característico do turismo convencional (BETTI, 2012).

O turismo de base comunitária se constitui em espaços que não são ocupados pela prática convencional, e acabam formando oportunidades de trabalho para os grupos desfavorecidos. Esses grupos se inserem na realização de serviços turísticos como alimentação, passeios, trilhas, dentre outros, e na comercialização de produtos alimentícios, artesanato, vestuário, acessórios, advindos da produção dos pequenos empreendedores, das comunidades e de pequenos núcleos receptores (BETTI, 2012).

Trata-se de uma alternativa ao turismo exclusivo de grandes *resorts*, que afastam os turistas das comunidades onde estão inseridos, e cria cenários turísticos que não condizem com a realidade da comunidade local (SILVA, *et al.*, 2011).

A prática do turismo de base comunitária faz com que sejam geradas oportunidades de trabalho e formas de inclusão para a população excluída pelo modo convencional. Com suas atividades e práticas desenvolvidas em meio à comunidade, tem o potencial de tornar os turistas conhecedores da cultura e dos produtos locais, dos destinos visitados. (SILVA, *et al.*, 2011)

### **2.3. Incubadoras**

As primeiras incubadoras surgem no Brasil inspiradas no sucesso das incubadoras universitárias dos Estados Unidos, criadas no final da década de 70. Atualmente, estima-se que existam mais de 150 incubadoras no país. Cerca de 84 podem ser consideradas incubadoras universitárias, ou seja, espaços de produção de conhecimento constituídos sob o tripé universitário (pesquisa, ensino e extensão), onde são desenvolvidos estudos sobre os empreendimentos, grupos e comunidades incubados, gerando novos procedimentos, e testando diferentes metodologias de incubação (DE AZEVEDO, 2016).

Pode-se considerar que entre os principais serviços ofertados pelas incubadoras universitárias estão atividades como: suporte ao responsável pelo empreendimento, suporte à inovação, e a produção de conhecimento, além do acesso a informações que auxiliam no desenvolvimento e fortalecimento dos empreendimentos.

De acordo com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), existem diferentes tipos de incubadoras, entre elas destacam-se: de Base Tecnológica, de Setores Tradicionais, Mistas, de Empresas de Agronegócios, de Cooperativas, de Empresas Culturais, de Design e Social. Entretanto, para este trabalho serão destacados os conceitos de dois tipos específicos: Incubadoras de Empresas e Incubadoras de Cooperativas Populares (DE AZEVEDO, 2016).

### **2.3.1. Incubadoras de empresas**

Incubadoras de empresas são iniciativas empreendedoras que oferecem estrutura física e logística para empreendimentos, além de dar suporte técnico e consultoria, e auxiliarem no desenvolvimento de produtos e tecnologias por tempo limitado. São organizações vinculadas a instituições de ensino públicas ou privadas, prefeituras e iniciativas empresariais independentes, que têm como objetivo incentivar o empreendedorismo, a geração de empregos e o desenvolvimento regional e tecnológico (CIAM, 2018).

Entre as incubadoras de empresas existentes no DF, associadas à Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (que atua como uma Rede Nacional de Ambientes de Inovação, promovendo o fortalecimento dos seus associados em prol da economia e da sociedade, e reúne cerca de 370 associados), destacam-se a Multincubadora de Empresas na UnB, a Casulo do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), a Incubadora de Empresas da Universidade Católica de Brasília (UCB) e a Incubadora Internacional do Instituto Brasília de Tecnologia e Informação (IBTI). (ANPROTEC, 2018)

### **2.3.2. Incubadoras de Cooperativas Populares**

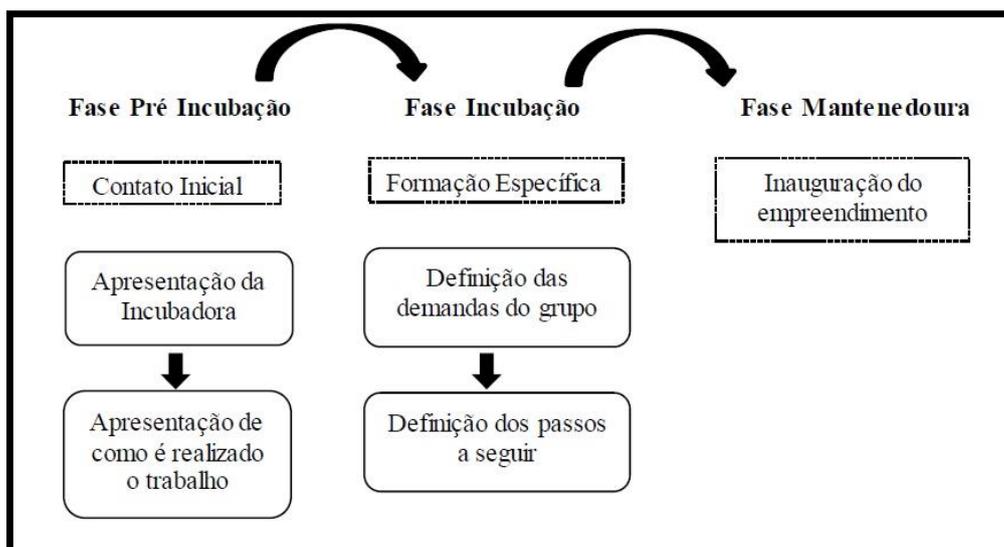
A característica que diferencia a incubação de empresas e a de cooperativas populares é o fato de que, no segundo caso, são incubados empreendimentos econômicos solidários, e que o seu processo de incubação compreende diversas atividades sistemáticas de formação e de assessoria, que os acompanham desde o seu surgimento até a consolidação. Esse processo se dá por meio da troca de conhecimentos,

com o intuito de auxiliar na conquista da autogestão e na viabilidade econômica dos EES (SENAES, s.d.).

As incubadoras de cooperativas populares, diferentemente das incubadoras de empresas - que utilizam a metodologia do Centro de Referência para Apoio a Novos Empreendimentos (CERNE) como guia para a padronização dos processos de incubação, buscando facilitar o gerenciamento e a avaliação dos resultados -, não possuem uma metodologia padrão (VIEIRA *et al.*, 2014).

Praticamente todas as ITCPs operam em três etapas: pré-incubação, incubação e desincubação. Existem dois tipos de ações ligadas ao processo de incubação: assessoria/consultoria e formação/qualificação. A ordem de execução depende da metodologia adotada pela ITCP (CRUZ, 2004).

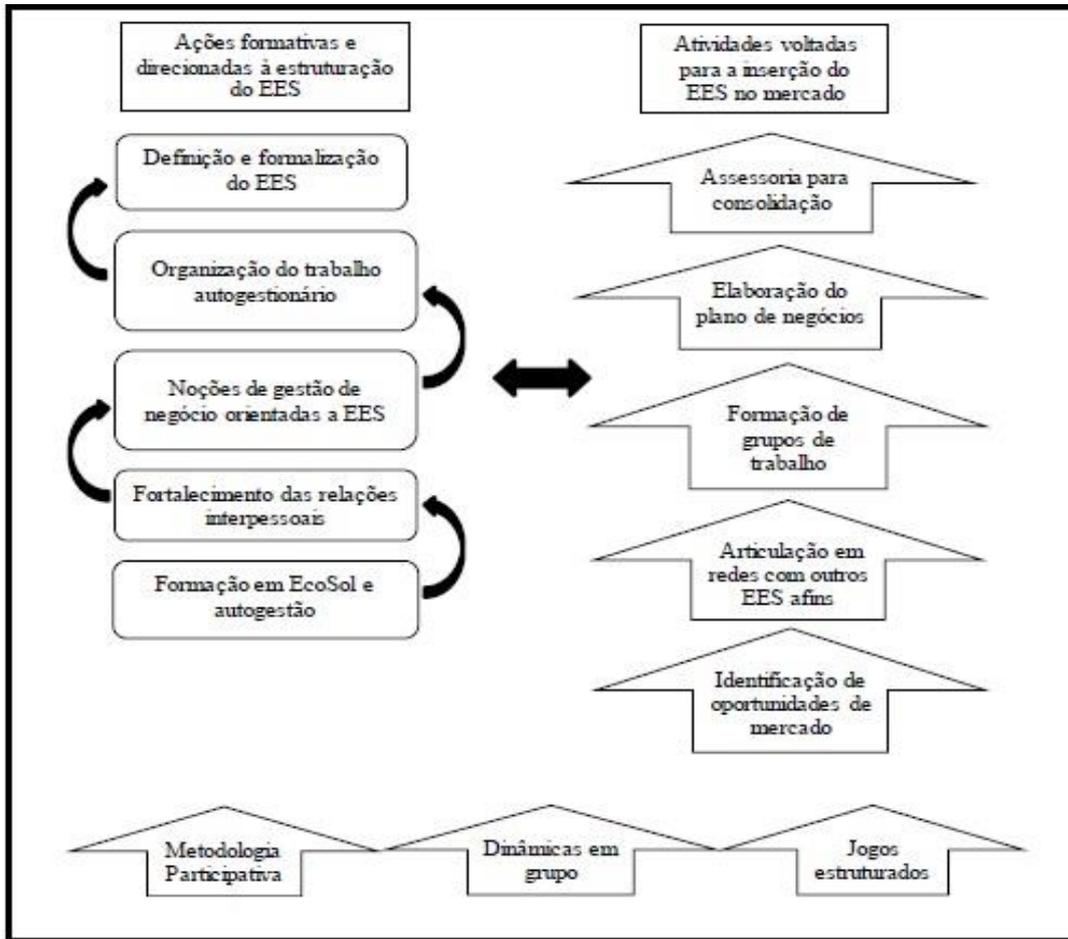
Cada ITCP cria seu próprio método de incubação, com base na realidade em que se encontra inserida. Existem diferentes tipos de metodologias, algumas são mais simples, constituídas por fases, como pode ser visto na **Figura 3**:



**Figura 3: Fases de Incubação**  
Fonte: MURAD, 2014.

Outras mais complexas (**Figura 4**) envolvem um conjunto de atividades na forma de oficinas baseadas nos princípios da economia solidária e tem como componentes do processo, diversas ações voltadas para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras, como ações formativas com foco na estruturação e

inserção de EES no mercado, norteadas por metodologias participativas, dinâmicas e jogos (MURAD, 2014).



**Figura 4: Metodologia de Incubação**  
Fonte: Murad, 2014.

Independente de qual metodologia utilizada, as ITCPs são compostas por processos que constituem um conjunto de ações que buscam identificar, apresentar, apoiar, elaborar e promover a formação de empreendimentos solidários, além de contribuir com a geração de emprego e renda, e de todos os outros benefícios resultantes da Economia Solidária e decorrentes da incubação.

Suas ações se assemelham a uma nova organização social baseada em redes, que pode ser caracterizada como uma estrutura social formal, um sistema de nós interligados, que evoluem acrescentando ou removendo nós. Com base nessas mudanças os programas conseguem atingir desempenho para a rede, e são decididos socialmente fora da rede (CASTELLS, 2005).

De acordo com Castells (2005, p.19) “a rede vai seguir eficientemente essas instruções, acrescentando, apagando e reconfigurando, até que um novo programa substitua ou modifique os códigos que comandam esse sistema operativo”.

As ITCPs além de auxiliarem na criação de novos EES, são transformadas em laboratórios de inovações. Neles é possível ter contato direto com os conhecimentos dos trabalhadores dos EES que, em conjunto com o conhecimento acadêmico das instituições de ensino, promovem espaços de interação e troca contínua.

Tem-se um espaço propício para a criação de novas práticas, ferramentas, tecnologias, produtos e processos. Por este motivo, as ITCPs tornam-se polos de desenvolvimento de tecnologias sociais.

A Tecnologia Social constitui-se como um conjunto de técnicas e de metodologias voltadas para a reconstrução do paradigma da relação entre ciência, tecnologia e sociedade, desenvolvidas e aplicadas mediante a interação com a população propondo um contraponto às tecnologias convencionais que, ao invés de atenderem as necessidades sociais, acabam por ser utilizadas como ferramentas para o aumento do consumo capitalista (DAGNINO, 2010 *apud* OLIVEIRA; ADDOR; MAIA, 2018).

Existem vários tipos de tecnologias sociais, dentre elas estão: a criação de novos produtos, dispositivos ou equipamentos; a criação de novos processos, procedimentos, técnicas ou metodologias ou de novos serviços; e ainda, as inovações sociais, organizacionais ou de gestão.

Enquanto as ITCPs buscam auxiliar na inserção social e econômica de EES, a tecnologia social é a consolidação da tecnologia para o desenvolvimento social. Juntas, elas promovem o empoderamento por meio da inclusão social, e a melhoria das condições de vida das comunidades marginalizadas pelas atividades da economia capitalista.

Em todo o território nacional podem ser encontradas mais de 80 incubadoras sociais. Dentre elas, 41 são integrantes da Rede de ITCPs (ver **Quadro 1**) e, juntas, promovem trocas de experiências no campo do associativismo e do cooperativismo, em busca da criação de alternativas de geração de emprego e renda.

<b>SUDESTE</b>	Centro Federal de Educação tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ
	Centro Universitário Cerrado – Patrocinio – UNICERP
	Centro Universitário Fundação Santo André – FSA
	Fundação Getúlio Vargas/SP – FGV
	Universidade de São Paulo – USP
	Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
	Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES
	Universidade Estadual de São Paulo – UNESP – Franca
	Universidade Estadual de São Paulo – UNESP – Assis
	Universidade Federal de Lavras – UFLA
	Universidade Federal de São João Del-Rei – UFSJ
	Universidade Federal de Viçosa – UFV
	Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
	Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF
	Universidade Federal de Itajubá – UNIFEI
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ	
<b>NORDESTE</b>	Centro Federal de Educação tecnológica – CEFET/BA
	Universidade Católica de Salvador – UCSAL
	Universidade do Estado da Bahia – UNEB
	Universidade Federal da Bahia – UFBA
	Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPe
	Universidade Salvador – UNIFACS
	Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE
<b>CENTRO-OESTE</b>	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS
	Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - UEMS/Dourados
	Universidade Federal do Tocantins – UFT
<b>SUL</b>	Centro Universitário Feevale – FEEVALE
	Centro Universitário La Salle – UNILASALLE
	Universidade Federal de Rio Grande – FURG
	Universidade Católica de Pelotas – UCPEL
	Universidade Comunitária Regional de Chapecó – UNOCHAPECÓ
	Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC
	Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI
	Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS
	Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG
	Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD
	Universidade Federal do Paraná – UFPR
	Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
Universidade Regional de Blumenau – FURB	
Universidade Regional do Nordeste do Estado do RS – UNIJUI	

**Quadro 1:** Instituições de ensino integrantes da Rede ITCP.  
**Fonte:** Própria pesquisadora a partir de dados da ITCP/COPPE/RJ, 2018.

Para dar apoio e financiar a criação das ITCPs, o Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares (PRONINC), foi criado em 1997, com o intuito de fortalecer os processos de incubação de empreendimentos econômicos solidários. O Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPE/UFRJ) criou a primeira Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares do Brasil, com o apoio da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e da Fundação Banco do Brasil (FBB), tendo como missão o desenvolvimento de uma metodologia de incubação de cooperativas populares e, posteriormente, a difusão da tecnologia social nas universidades do país (FINEP, 2018).

As universidades podem ser utilizadas como catalisadoras que auxiliam as cooperativas populares na geração de emprego e renda, por meio da autogestão e do compartilhamento de conhecimentos, tornando-as viáveis economicamente e sustentáveis socialmente (FINEP, 2018).

Durante o período entre os anos de 2003 a 2011, a Finep e a Fundação Banco do Brasil (FBB) em parceria com a SENAES, utilizaram o programa para financiar novas incubadoras de cooperativas e dar apoio a incubadoras em operação. Nesse período 28 incubadoras foram financiadas (FINEP, 2018).

Como ferramenta de apoio aos empreendimentos solidários no Distrito Federal, surgiu, em 2005, a Incubadora Social e Solidária, uma modalidade do Programa Multincubadora de Empresas, do Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da Universidade de Brasília (CDT/UnB). Essa, com o objetivo de apoiar empreendimentos que enaltecem a forma de produção, de consumo e de distribuição de riqueza centrada na valorização do ser humano. A Incubadora apoiava empreendimentos de vários ramos, entre eles, cooperativas de reciclagem, grupos de bordadeiras e de costureiras, associações de artesãos e de produtores rurais e redes de empreendimentos (CDT/UnB, 2018).

Outra iniciativa encontrada na Universidade de Brasília foi a Incubadora de Tecnologia Social e Economia Solidária para Cooperativas Populares, sediada na Faculdade UnB Planaltina. A ITCP atua em quatro eixos de ações com os grupos incubados, utilizando um conjunto de elementos que inclui as vivências e as experiências dos agentes sociais, dos técnicos e dos pesquisadores que integram o projeto.

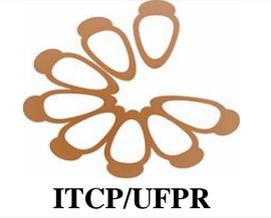
Fundada em 2009, a Cooperativa Central Base de Apoio ao Sistema ECOSOL no Distrito Federal – Base Brasília, é uma entidade sem fins lucrativos que se caracteriza como uma cooperativa social nos termos da Lei nº 9.867/99, conhecida como a Lei das Cooperativas Sociais que dispõe sobre a criação e o funcionamento de Cooperativas Sociais. A Ecosol Base Brasília busca promover atividades de geração de renda, promoção social, fortalecimento das práticas e dos princípios do cooperativismo e da cultura inclusiva (ECOSOL, 2018).

Entre as atividades desenvolvidas pela cooperativa está o auxílio às entidades associadas, direta ou indiretamente, mediante serviços de assessoramento nas áreas de administração, gestão e normatização, fiscalização e legislação, contábil, educacional, informática e planejamento. Ambas se assemelham ao processo de incubação utilizado pelas ITCPs (ECOSOL, 2018).

Como uma ferramenta que de auxílio as ITCPs, o Programa Multidisciplinar de Estudos e Pesquisa Sobre o Trabalho e Movimentos Sociais - Núcleo/Incubadora Unitrabalho, fundado em 29/10/1998 e popularmente conhecido como Rede Unitrabalho, tem como objetivo integrar universidades e trabalhadores em busca do desenvolvimento de projetos que auxiliem na luta por uma boa condição de vida e trabalho, atua realizando pesquisas, extensão e estudos sobre o mundo do trabalho e os movimentos sociais, com o apoio de diversas instituições de ensino parceiras (UNITRABALHO, 2018).

### **2.3.3. Cases de sucesso**

Na busca por exemplificar as ações das ITCPs e suas contribuições, foram escolhidos seis projetos (ver **Quadro 2**) que incluem incubadoras criadas de 1995 a 2007. A escolha dos *cases* se deu por conta dos “diferenciais encontrados” referentes à atuação das ITCPs, e/ou os impactos positivos causados à localidade em que estão situadas.

INCUBADORAS	ANO DE CRIAÇÃO	LOCALIZAÇÃO	DIFERENCIAIS ENCONTRADOS
	1995	Universidade Federal do Rio de Janeiro	ITCP pioneira, desde a sua criação já desenvolveu mais de 50 projetos. É financiada com recursos próprios da COPPE-UFRJ e com recursos captados, por meio de convênios e contratos, com órgãos governamentais, agências de fomento, ONGs e doações.
	2001	Universidade de Campinas – São Paulo	Desenvolve ações de Educação Popular a partir da formação e apoio a grupos populares autogestionários, como cooperativas populares, associações e grupos informais. Desde a sua criação já desenvolveu mais de 30 projetos.
 <b>INTECOOP</b>	1998	Universidade Federal de Itajubá – Minas Gerais	Trabalha em parceria com o Governo Municipal, que custeia boa parte das atividades da incubadora. Ganhou o Prêmio <i>Assis Chateaubriand</i> de Responsabilidade Social em 2009, em parceria com o grupo Nutra/Saúde.
 <b>Incutes</b>	2007	Instituto Federal da Paraíba	Auxilia no desenvolvimento de cinco projetos que trabalham com produção de produtos ecológicos e artesanais, com o foco na preservação da arte de fazer cabaças, e na área de agricultura familiar.
 <b>UNOCHAPECÓ</b>	2003	Universidade Comunitária Regional de Chapecó - oeste de Santa Catarina	Auxiliou na criação de uma Incubadora de Base Mista, que atua desde 2013, auxiliando cerca de 50 EES dos municípios pertencentes à Secretaria de Desenvolvimento Regional de Seara.
 <b>ITCP/UFPR</b>	1998	Universidade Federal do Paraná	Criada a partir de um termo de cooperação técnica com a COPPE/UFRJ. Tornou-se integrante da Rede Interuniversitária das Américas para Estudos Cooperativos e Associativos.

**Quadro 2:** Cases de sucessos de ITCP's.

**Fonte:** Própria pesquisadora, 2018.

Por meio dos “diferenciais encontrados” é possível visualizar a dimensão da atuação das ITCPs. Entre os exemplos supracitados estão incubadoras que permanecem

ativas há mais de 20 anos, e que durante esse tempo sofreram remodelações em suas metodologias, buscando se adequar às mudanças relativas ao cenário da economia solidária e as inovações emergentes da área.

Dois dos casos citados que exemplificam o impacto causado nas ações das incubadoras são: (a) ITCP/UFPR, que ao apresentar o *Case* da Cooperativa de Beneficiamento de Pescados de Antonina (COOPERATIVA SERRAMAR) em um evento promovido pela Universidade de *Sherbrooke* (Canadá), passou a integrar a Rede Interuniversitária das Américas para Estudos Cooperativos e Associativos; e (b) ITCP/UNOCHAPECÓ, que entre os projetos que já foram incubados está uma Incubadora de Base Mista, mostrando o alcance que uma ITCP pode ter como agente transformador de uma localidade.

## **CAPÍTULO 3: METODOLOGIA**

A presente pesquisa possui abordagem qualitativa, onde o ambiente natural é fonte direta para coleta de dados, interpretação de fenômenos e atribuição de significados (PRODANOV, 2013).

A pesquisa qualitativa se dá pela obtenção de dados descritivos, onde o processo é rico de descrições detalhadas com o objetivo de retratar e compreender a perspectiva dos participantes (GOLDENBERG, 1997; LÜDKE, 1986).

Os procedimentos metodológicos e as ferramentas utilizadas para alcançar o objetivo geral da pesquisa, foram divididos em três partes: Pré-campo, Campo e Pós-campo. Cada uma delas foi descrita detalhadamente a seguir.

### **3.1. Pré-campo**

As atividades realizadas no pré-campo foram discriminadas em cinco etapas, nas quais foram realizadas diferentes atividades, que deram suporte para a realização da pesquisa, conforme relatado nos tópicos seguintes.

#### **3.1.1. Análise bibliográfica e documental**

A primeira etapa realizada para a construção da pesquisa foi o levantamento bibliográfico e documental, quando se buscou contextualizar socioeconômica e turisticamente o cenário da região abrangida pela pesquisa (Distrito Federal).

Para isso foram utilizados dados oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do *site* oficial do Governo de Brasília, da Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN), do Ministério do Trabalho e Emprego, e de cartilhas da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), dentre outros.

Os principais autores que contribuíram para a construção da discussão teórica acerca dos temas centrais do trabalho, foram: Singer, França Filho, Moesch, Betti, dentre outros, além de dissertações e teses acadêmicas sobre Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares e temas relacionados.

### **3.1.2. Elaboração de instrumentos de pesquisa**

Para a elaboração dos roteiros de entrevista (**APÊNDICE 1**), foram utilizadas informações coletadas nas pesquisas preliminares. O tipo de entrevista escolhido foi a entrevista semiestruturada, na qual é criado um roteiro de questões-guias relacionadas ao objetivo da pesquisa. A escolha desse tipo de instrumento foi necessária, pois ele auxilia na formulação de novas hipóteses, na medida em que as respostas são recebidas. Por sua estrutura mais simples, esse tipo de entrevista tende a se desenrolar de maneira mais livre, fazendo com que as respostas e informações não estejam condicionadas a uma padronização (MANZINI, 2004).

### **3.1.3. Contatos prévios com atores locais**

O primeiro contato estabelecido foi com o representante do Centro de Excelência em Turismo, mediante conversa com sua secretária na direção do Centro, quando foi solicitada a entrevista, a qual prontamente foi aceita e agendada.

Em seguida, houve a primeira tentativa de contato com a representante do Centro Público de Economia Popular e Solidária do Distrito Federal, porém, sem sucesso. Em uma segunda tentativa, a entrevista semiestruturada pôde ser realizada. Essa entrevista foi de suma importância para conseguir o contato de mais um possível entrevistado.

O terceiro contato se deu com o Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da Universidade de Brasília (CDT/UnB), que possui o programa Multincubadora, dividido em duas vertentes. Na qual uma delas desenvolve trabalhos com tecnologia social. Após uma segunda visita, foi possível realizar a entrevista com um representante.

Houve, ainda, tentativas de contato para uma possível entrevista com o fundador da ITCP-COPPE/UFRJ, Sr. Gonçalo Guimarães, contudo, não se obteve sucesso. Também foi buscado contato com o professor especialista da área, Prof. Ricardo Neder, que atua na Universidade de Brasília, o qual também não respondeu as tentativas de agendamento.

Por fim, foi iniciada uma troca de *e-mails* com um representante da ITCP da UnB de Planaltina que, em um primeiro momento, se mostrou disponível e até repassou materiais recentes sobre o tema da pesquisa. Porém, infelizmente, não foi possível definir uma data para a entrevista.

As tentativas de contato com os três representantes não entrevistados se deram via *e-mail*, telefone e redes sociais ainda, houve uma visita ao departamento em que os entrevistados que possuem vínculo com a Universidade de Brasília pertenciam e/ou desenvolviam projetos. Ainda assim, é digno de nota que houve tal limitação.

#### **3.1.4. Preparação de material**

Os instrumentos de coleta utilizados para suporte as entrevistas foram: máquina fotográfica, para registro dos espaços visitados, bloco de anotações, que auxiliaram na listagem dos relatos posteriormente analisados, e o gravador de voz, para o registro literal e integral das informações das entrevistas. Os materiais auxiliaram para evitar perdas de informação, facilitar a condução das entrevistas e, posteriormente, para a sistematização das informações minimizando distorções (DUARTE, 2005).

#### **3.1.5. Incursões preliminares**

Foi realizada uma incursão preliminar ao Centro Público de Economia Popular e Solidária do Distrito Federal, (ver **Figura 5**), para conhecer o espaço e entender como funciona, além de tentar um contato prévio com algum representante.



**Figura 5: Interior do Centro Público de Economia Popular e Solidária do DF**  
**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora, 2018.

Nessa incursão foi possível observar como é consolidado o trabalho com a ES nesse espaço, que está fortemente ligada à produção e à comercialização de produtos artesanais de diversos grupos sociais do Distrito Federal.

Ao realizar uma observação mais crítica em relação ao espaço, foi notado que não há placas indicativas que auxiliam na visibilidade do Centro, e que além dos atores que participam dos EES, ou que trabalham de uma alguma maneira no espaço, a visita do público externo é baixa.

Uma segunda incursão foi realizada ao Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da UnB, na qual foi possível observar o espaço e conhecer um dos representantes da Multincubadora, o que foi importante para a realização da entrevista posteriormente.

A relevância das incursões se deu pelo fato de que a pesquisadora, ao estabelecer um primeiro contato com os locais, pôde conseguir novos materiais para a pesquisa e informações prévias sobre alguns projetos realizados.

### **3.2. Campo**

Já as atividades de campo, foram divididas em duas etapas, discriminadas nos subitens a seguir.

### **3.2.1. Observação *in loco***

Na segunda visita realizada ao Centro Público, a pesquisadora foi convidada a assistir uma reunião do Grupo de Trabalho que tem como temática a Economia Solidária e a Saúde Mental, onde foi possível realizar a observação *in loco*.

As informações apresentadas na reunião foram importantes para a compreensão de como se dá a autogestão nos grupos que trabalham com a Economia Solidária, além de proporcionar a experiência de compreender como um grupo desse tipo cria novos projetos, e como o diálogo com os gestores públicos funciona.

Outro momento propício encontrado para a observação, foi a feira que estava acontecendo no mesmo dia, no estacionamento do Centro. A pesquisadora teve a oportunidade de ouvir o relato de uma das expositoras que participa de vários projetos voltados para o artesanato e a economia solidária no DF.

### **3.2.2. Realização das entrevistas semiestruturadas**

Foram criados cinco roteiros para a realização das entrevistas, porém somente três foram efetivamente utilizados. O primeiro entrevistado foi o Diretor do Centro de Excelência em Turismo, da UnB. A segunda entrevista foi com uma representante do Centro Público de Economia Popular e Solidária (CPES) do DF. A terceira entrevista se deu com um representante da Multincubadora do Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da UnB, que atua diretamente com a Incubadora de Tecnologia Social.

Os três entrevistados foram escolhidos por, juntos, comporem um quadro significativo para a reflexão crítica da pesquisa. Cada um representa uma parte importante. De um lado, o CPES como representante dos potenciais demandantes (EES e grupos sociais) das contribuições que o campo acadêmico pode proporcionar ao movimento. De outro, o CET/UnB como potencial ofertante desse campo, com suas limitações e potencialidades. Por fim, o CDT/UnB, relatando a experiência consolidada de quem atua como incubadora social dentro da Universidade há quase 10 anos.

### **3.3. Pós-campo**

Após a realização das entrevistas semiestruturadas, as gravações foram transcritas e os dados coletados sistematizados e organizados. Posteriormente, foram feitas a análise e a reflexão crítica dos dados coletados. As informações foram divididas em três perspectivas: identificação de potenciais demandantes, desafios para o potencial ofertante, e experiência de um exemplo consolidado.

Os dados coletados foram utilizados na construção de uma visão mais abrangente da realidade local, por meio da análise dos resultados. É digno de nota, que foram trazidos para a versão final deste documento apenas os trechos de maior relevância para a análise e reflexão da autora.

## **CAPÍTULO 4: ANÁLISE DOS RESULTADOS**

A reflexão crítica dos resultados baseou-se nos dados coletados nas entrevistas semiestruturadas, e teve como pilar de discussão o levantamento bibliográfico e documental realizado na contextualização socioeconômica do cenário local e turístico do Distrito Federal e na discussão teórica.

### **4.1. Perfil dos Entrevistados**

A escolha dos entrevistados se deu pela importância de compreender como se encontra o cenário local do Distrito Federal em relação a iniciativas voltadas para os pressupostos da Economia Solidária, como foco nas Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares e, ainda, em saber qual a relação da temática com a Universidade, e como ela pode ser desenvolvida na área de turismo.

O representante do Centro de Excelência em Turismo é professor universitário há mais de 30 anos, e ocupa o cargo de Diretor do Centro, além de ser membro titular do Conselho de Desenvolvimento do Turismo do Distrito Federal.

A representante do CPES/DF tem experiência em Economia Solidária e já trabalhou na UNISOL Brasil e na Central Cooperativa Redesol de Minas Gerais. É uma das coordenadoras do espaço desde a sua inauguração, e possui conhecimento sobre Economia Solidária e participa como voluntária em atividades de formação de agentes transformadores em prol do movimento solidário. Participa, ainda, das discussões em prol da construção da Política Pública de Economia Solidária no DF.

O pesquisador da Multincubadora do CDT/UnB trabalha como assessor técnico da Incubadora de Tecnologia Social há 01 ano e 03 meses. Participou da sua reativação e atua em conjunto com mais dois pesquisadores no desenvolvimento da mesma.

### **4.2. Identificação de potenciais demandantes**

No primeiro momento buscou-se identificar quais são os grupos que atuam no cenário da Economia Solidária no DF e que estão vinculados ao CPES/DF. De acordo com a representante do espaço:

*A maior parte dos grupos que temos aqui são ligados ao artesanato, mas também tem empreendimentos de serviços [...]. A gente acolhe a Centcoop que é uma central de cooperativas de catadores, além do GT de Saúde Mental. A gente tem aqui dentro a rede feminista ligada a Rede Pequi, que trabalha a questão de gênero aqui no DF.*

O espaço atende, oficialmente, 30 empreendimentos econômicos solidários, que estão localizados em regiões administrativas mais afastadas do Plano Piloto e em cidades do entorno do DF. Os grupos sociais atendidos abrangem vários perfis de atores como: catadores, saúde mental, mulheres, juventude, população de rua, agricultura familiar, afroempreendedores e cultura.

Esses grupos desenvolvem trabalhos que estão ligados ao turismo indiretamente, e podem ser classificados como fornecedores de produtos e de serviços aos empreendimentos da cadeia produtiva do turismo (BETTI, 2012).

De acordo com a representante, existe uma rotatividade entre os 30 EES que estão cadastrados no centro. Entre os fatores que contribuem para a rotatividade de participação dos empreendimentos está:

*Um principal desafio é a própria questão do investimento. Há pessoas que vão para a Economia Solidária porque elas gostam do trabalho coletivo e não querem estar submetidas a uma situação de trabalho onde tem um patrão, mas também a gente tem muitas pessoas que vão por necessidade que estão em uma situação muito precária, às vezes de levantar recursos.*

É possível perceber, por meio de seu relato, a importância da Economia Solidária como uma forma alternativa de renda no combate ao desemprego, à pobreza e a miséria absoluta. Neste cenário, as iniciativas de fomento a ES exercem um papel de relevância na vida desses atores.

Como alternativa a esse desafio, a representante do Centro relatou que a possível estratégia seria a organização dos próprios fundos rotativos solidários<sup>2</sup>, que permitem que os empreendimentos tenham autonomia para participação em eventos, compra de insumos, dentre outras atividades.

---

2 Pode ser entendido como a mobilização de recursos monetários e não monetários por meio de um sistema de créditos e débitos alimentado e gerido de modo compartilhado pelos seus apoiadores, executores e beneficiários, em que compromissos devolutivos são flexíveis e acordados coletivamente (BARRETO, 2016).

Porém, para por em prática essa estratégia, outro desafio precisaria ser vencido, como menciona a representante do CPES/DF:

*Outro desafio é do próprio processo de organização coletiva. A gente não tem uma cultura que favoreça isso, então a gente tem percebido a necessidade de desenvolver, junto aos grupos, formações e levar ferramentas e instrumentos que ajudem e facilitem nesse processo.*

Essa declaração ilustra a realidade vivida por muitos atores que participam dos grupos sociais que integram os movimentos de economia solidária. Como a entrevistada relata, muitos necessitam do auxílio, e o têm como uma possibilidade de geração de emprego e renda. Entretanto, é preciso trabalhar processos, e entre eles, buscar compreender o que de fato é o movimento, para começar uma desconstrução do pensamento individualista, cada vez mais presente na sociedade, que interfere na prática da autogestão.

Essa problemática gera lacunas de oportunidades para que a Universidade possa desempenhar o papel de criadora de espaços de troca de conhecimento com a sociedade, o que cria uma série de possibilidades para desenvolver o tripé (pesquisa, ensino e extensão) que a sustenta.

Entre essas possibilidades, vale destacar o papel que as Incubadoras de Cooperativas Populares têm desempenhado ao longo dos anos, nas instituições de ensino, como a compreensão da economia solidária de maneira mais ampla, deixando de ser apenas um campo de luta e passando a ser um campo acadêmico, capaz de combater o cenário de desemprego, formando e acompanhando os empreendimentos econômicos solidários. A partir do trabalho conjunto de grupos de estudos, equipes de incubação e os EES (ITCP/UNICAMP, 2009).

A entrevistada do CPES/DF relatou a possibilidade de criar uma incubadora para funcionar no espaço e que já começaram a desenhar o projeto, e pretendem “fazer força” para que o lançamento aconteça no aniversário do Centro, em agosto. Isso mostra que existe uma demanda real no cenário do Distrito Federal para o desenvolvimento de uma Incubadora de Cooperativas Populares. A princípio, pretendem trabalhar com grupos de consumo, com vistas a contribuir na geração e manutenção de postos de trabalho. Já existem duas iniciativas em potencial para serem incubadas.

### 4.3. Desafios para o potencial ofertante

A criação de um projeto inicia-se a partir do interesse em potencial de um grupo ou de uma localidade. Com base nessa premissa, uma das falas mais importantes para essa pesquisa é protagonizada pelo representante do Centro de Excelência em Turismo da UnB, que ao ser questionado se atualmente o Centro teria condições de criar e gerir uma ITCP na área de Turismo relatou que:

*O CET, como uma unidade da Universidade de Brasília, tem condições de tudo. O grande problema, hoje, nesse momento atual das Universidades Públicas, é que há uma restrição grande orçamentária. Então, nós estamos hoje, nesse ano principalmente, vivendo um momento de muita restrição orçamentária.*

Por meio da fala do representante é possível identificar uma das principais barreiras para a criação de um projeto de porte semelhante ao de uma ITCP: a falta de recursos financeiros, que pode interferir na infraestrutura e na logística de gestão da incubadora.

Ainda há outros desafios que podem vir a ser enfrentados, que variam entre questões relativas a ferramentas metodológicas, parcerias, editais, participação discente, participação docente, dificuldade de sensibilizar os grupos sociais, dentre outros (MURAD, 2014).

Ao ser questionado sobre o interesse em desenvolver o projeto, o entrevistado disse que a ideia é interessante, mas que para pensar em desenvolver o projeto a ideia precisa estar desenhada, e reconheceu que, por se tratar de uma iniciativa de extensão, de modo geral, o CET teria interesse em projetos desse tipo, o qual teria apoio de boa parte da direção para o seu desenvolvimento, se apresentado formalmente como um projeto.

Foi salientado, ainda, que para falar de forma objetiva sobre possíveis contribuições para um futuro processo de criação, a ideia precisa estar formatada em modelo de projeto, e deve passar pelo Colegiado de Graduação, Extensão e Pós-graduação, para a análise da viabilidade de implantação.

O respondente não soube dizer, após questionado, que tipo de suporte (técnico, logístico ou jurídico, dentre outros) o CET poderia ceder a uma futura ITCP. A limitação da fala do entrevistado ficou visível por conta de todos os passos burocráticos

existentes, e citados acima, para que seja possível pensar em um cenário em que a implantação de uma ITCP venha a ser discutida pelos gestores responsáveis pelo CET.

Ao ser questionado sobre as áreas de atuação que poderiam vir a ser exploradas por essa ITCP, o entrevistado relatou que, pela multidisciplinariedade existente no turismo, a gama de atuação poderia ser vasta, mas não foram citadas quais seriam essas áreas.

#### **4.4. Experiência de um exemplo consolidado**

O cenário da Economia Solidária no Distrito Federal teve um grande impulso no início dos anos 2000, e durante esses anos vem se desenvolvendo e se expandindo para vários espaços, dentre eles a Universidade de Brasília.

A primeira iniciativa nasceu em 2005 (com duração até 2012), e tinha o nome de Incubadora Social e Solidária. Essa iniciativa enfrentou um grande desafio: dividir espaço com uma Incubadora de Base Tecnológica, a qual possui um viés mercadológico muito aparente. De acordo com representante do CDT/UnB, a primeira incubadora foi desativada por conta de uma troca de gestão do Centro, o que fez com que a iniciativa perdesse espaço.

No ano de 2017, o projeto retornou com um novo formato, mais uma vez, por conta de uma troca de gestão, na qual o novo diretor resolveu apoiar a causa. Agora conhecida como Incubadora de Tecnologia Social e Inovação, de acordo com o representante, o projeto se torna mais abrangente.

Com cerca de oito anos de experiência da antiga versão, o novo formato busca ajustar processos e caminhar para uma futura relação homogênea com a Incubadora de Base Tecnológica. Para tanto, existem vários desafios a serem superados, conforme relatou o entrevistado.

Dentre esses desafios, a conquista de espaço em um ambiente que era voltado para a base tecnológica a qual possui um espaço consolidado. Outro desafio é em relação à infraestrutura. As empresas de base tecnológica são incubadas no prédio e residentes no hotel de empresas. Já as de Economia Solidária, trabalham *in loco* na sua região, na sua comunidade, então a equipe tem que se deslocar, o que os torna

dependentes do transporte que a UnB dispõe e que, muitas vezes, não dispõe, o que dificulta o trabalho.

O obstáculo relativo ao transporte desencadeia outro desafio, que também foi citado pelo representante do CET: o problema orçamentário que a Universidade vem enfrentando. A equipe é restrita se comparada com a quantidade de pessoas atendidas pela Incubadora. A contratação de mais pessoal se faz necessária para melhor atender as demandas.

Esse último problema, em específico, vem sendo contornado de outras maneiras, por meio de participações em editais de pesquisa e criação de grupos de trabalho em uma disciplina que tem como temática a Tecnologia Social. Entretanto, o suporte técnico para os EES continua sobrecarregado, pois, atualmente, conta somente com dois pesquisadores fixos, além da Coordenadora da Incubadora.

Quando questionado sobre o diferencial da Incubadora o entrevistado aponta uma nova perspectiva em relação à Multincubadora, como é chamada a junção das duas vertentes de incubação existentes no Centro:

*Diferente da maioria das incubadoras que rodam no Brasil, que são especializadas em um tipo de incubação, a gente tem várias expertises. Então a gente pode atender vários tipos de empresas, além de conhecimentos de know-how de base tecnológica, a gente tá crescendo know-how de tecnologia social.*

Esse relato mostra que, apesar dos contrapontos existentes em relação às duas vertentes, há uma troca de conhecimento, o que pode ser considerado como um grande potencial a ser compartilhado com as demais incubadoras.

Uma prática que pode vir a ser utilizada como exemplo a ser seguido, é a utilização de adequações sociotécnicas<sup>3</sup>:

*A gente tem algumas adequações sociotécnicas [...] a gente desenvolve o Canvas Social no caso, é um Canvas<sup>4</sup> personalizado dos professores da UnB, que a gente aplica para os empreendimentos de cunho social e, atualmente, estamos trabalhando no Cerne Social.*

---

<sup>3</sup> A adequação de uma tecnologia a outros valores e interesses, diferentes aos originais (COELHO, 2015).

<sup>4</sup> O Canvas é uma metodologia que possibilita as pessoas cocriarem modelos de negócios analisando 9 elementos que toda empresa ou organização devem possuir: proposta de valor, parcerias chaves, atividades chaves, recursos chaves, relacionamento com clientes, segmentos de clientes, canais de distribuição, estrutura de custos e fluxo de receitas (HSM, 2017).

Como relação à abrangência de atuação, contabilizando os anos em que esteve ativa e a recente ativação, a Incubadora apoiou cerca de 36 empreendimentos econômicos solidários, e possui parcerias com a Secretaria Adjunta de Desenvolvimento Social (SEDESTMIST), o Instituto de Tecnologia Social, a Fundação do Banco do Brasil e o Banco de Brasília.

Por meio dos relatos dos representantes, todos distintos, porém complementares, foi possível ter uma interpretação geral das potencialidades e dos desafios para a criação de uma Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares com foco na área de turismo na Universidade de Brasília.

Como potencialidade, cabe citar a demanda real por uma Incubadora que pode vir a ser explorada na área do turismo, identificada na fala da representante do CPES/DF, e ainda a relação entre as áreas de atuação dos empreendimentos econômicos solidários cadastrados no espaço e o turismo, o que deixa claro a possibilidade de trabalhar com os grupos de maneira efetiva e auxiliar na inserção social da parcela da população do Distrito Federal, que sofre com a desigualdade socioeconômica existente.

Todavia, são muitos os desafios encontrados para a consolidação da ideia de implantação da Incubadora, como a restrição orçamentária, citada pelo representante do CET e apontada como um dos desafios enfrentados pela Incubadora de Tecnologia Social do CDT/UnB. Além do processo burocrático existente na Universidade, o que pode vir a ser um grande impedimento para um possível diálogo sobre a realização do projeto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação da presente pesquisa fundamentou-se na possibilidade de incitar discussões sobre a relação do Turismo e a Economia Solidária no Distrito Federal, buscando estreitar laços e contribuir para a diminuição da desigualdade socioeconômica encontrada na Capital.

No decorrer da pesquisa surgiram algumas dificuldades, principalmente para a realização do levantamento de dados, entre elas, a falta de *sites* atualizados com informações sobre as ITCPs, que delimitaram a escolha dos projetos a serem citados na pesquisa.

Outra dificuldade encontrada refere-se à falta de resposta de três atores sociais escolhidos para comporem o quadro de entrevistados, que poderiam ter contribuído com um olhar mais amplo sobre a prática envolta na relação de Economia Solidária e Turismo. Por conta de suas experiências com o tema, seriam essenciais para esclarecer questionamentos sobre, por exemplo, como se encontra o cenário atual da Economia Solidária em âmbito nacional frente ao cenário político construído nos últimos anos.

Com a premissa de alcançar o objetivo geral da pesquisa, que consistia em analisar a viabilidade de implantação de uma Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares, junto a Universidade de Brasília, com vistas ao desenvolvimento turístico de forma inclusiva, foram estabelecidos quatro objetivos específicos.

O primeiro objetivo consistiu em contextualizar socioeconomicamente o cenário local e turístico do Distrito Federal. As informações coletadas auxiliaram na caracterização da localidade, quanto aos seus aspectos histórico-evolutivos e socioeconômicos, as quais indicaram que a desigualdade socioeconômica do Distrito Federal, é anterior a sua inauguração. E remete ao período em que a Capital foi idealizada e sua população delimitada, deixando de fora o impacto que um processo migratório causaria na realidade.

Em relação ao cenário turístico, foi identificado que ele pode ser dividido entre Brasília Capital e Brasília Cidade. Na primeira são classificadas as estruturas de suporte ao turismo, seus monumentos arquitetônicos e o turismo cívico. Já na segunda, são

contemplados seus vários atrativos culturais e naturais, e as possibilidades de construção de roteiros turísticos alternativos aos existentes e já consolidados.

Já em relação ao começo da Economia Solidária no DF, pôde-se verificar que as práticas pertinentes ao modelo alternativo ao capitalismo têm seus primeiros resquícios datados no período da construção da Capital, com o cooperativismo rural, considerada uma forma de resistência à crise econômica da década de 90, e que com o decorrer dos anos conquistou espaço e passou a ser formalizada.

O segundo objetivo pautou-se na busca da compreensão do processo de incubação sob os pressupostos da economia solidária, assim como *cases* de sucesso. Para que ele fosse alcançado foi necessária uma ampla pesquisa sobre o tema, e com base nos dados encontrados foi possível definir que quando se trata da incubação de cooperativas populares, não há uma metodologia padronizada, pois ela varia de acordo com as características de cada instituição e podem ser complexas ou mais simples.

Em relação aos *cases* de sucesso, foram escolhidas seis incubadoras para compor os exemplos. Entretanto, a falta de informações claras em *sites* e em documentos sobre as incubadoras, contribuiu para a delimitação da pesquisa em diferenciais encontrados.

O terceiro objetivo tratou de reconhecer o estado da arte dos temas centrais do trabalho. O levantamento realizado para alcançar o objetivo auxiliou na construção de um breve histórico sobre o conceito de Economia Solidária, considerada um modo alternativo à economia capitalista, que tem como objetivo a geração de trabalho e renda, de natureza cooperativista e associativista. Tal modelo tem como vocação combinar a dimensão comunitária com a dimensão pública em suas ações. Trata-se do trabalho de todos em busca de um bem comum. E tem como principais formas de manifestação, o comércio justo, as finanças solidárias, as trocas e/ou intercâmbios solidários e as empresas sociais.

A Economia Solidária tem relação com o turismo de forma mais mercadológica, por meio de iniciativas solidárias que trabalham fornecendo produtos e serviços para a cadeia produtiva e por meio do turismo de base comunitária, um modelo que contrapõe o turismo convencional caracterizado como turismo de massa, onde a comunidade local participa de todo o processo turístico de forma direta. Por meio dessa relação há uma geração de emprego e renda para os grupos originalmente excluídos pelo turismo de massa.

Por fim, o quarto objetivo constitui-se na reflexão sobre as percepções dos atores a respeito da proposta de implantação de uma ITCP na UnB. Para tal, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com três atores sociais que contribuíram para a compreensão das potencialidades e dos desafios por meio de três óticas distintas: demanda, oferta e exemplo consolidado. Essas informações foram relevantes para desvelar opiniões pré-concebidas sobre o assunto, além de auxiliar na formação de uma opinião própria, e conduzir novos caminhos a serem percorridos em busca do alcance de objetivos satisfatórios frente à temática discutida ao longo da pesquisa.

No que tange a possibilidade de implantação de uma ITCP na Universidade de Brasília, com foco na área de Turismo, foi constatado que apesar das limitações existentes para a realização do projeto, existe a viabilidade de colocar em prática a ideia. Entretanto, se faz necessário a construção de um projeto de viabilidade que deve ser apresentado para a comissão responsável pela tomada de decisões no Centro de Excelência em Turismo.

Todavia, para caminhar frente ao objetivo, é preciso uma apresentação formal da temática ao corpo discente e docente, os quais deverão entrar em consenso sobre o interesse em criar, ou não, uma ITCP, pois para que o projeto seja consolidado é necessário que o planejamento seja realizado de forma participativa entre os interessados.

Nota-se que a criação de uma ITCP, com foco na área de turismo, se trata de uma ideia que pode contribuir para o fortalecimento de pesquisas na área, e auxiliar na formação de grupos excluídos pela crescente desigualdade existente no Distrito Federal e, posteriormente, na geração de emprego e renda. Mas, a pesquisa mostra que muitos serão os obstáculos a serem mitigados para que esse cenário se torne real.

Como desdobramentos para o futuro, podem ser apresentadas diversas possibilidades, como o desenvolvimento de projetos em parceria com o CPES/DF, a fim de estreitar laços com a demanda em potencial, para a realização de testes antes da criação efetiva de uma Incubadora, além de trocas de tecnologias sociais com as demais incubadoras da Universidade de Brasília, e o levantamento de recursos para o desenvolvimento do projeto, por meio de editais voltados para a temática, o que pode ser uma alternativa para dirimir a dependência de recursos provenientes da Instituição.

## REFERÊNCIAS

- ANPROTEC. **A anprotec**, 2018. <http://anprotec.org.br/site/sobre/> Acesso em 14 de maio de 2018.
- ARRUDA, Iago de Oliveira. **TURISMO: Uma interpretação territorial sobre Brasília e o Distrito Federal**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de Geografia da Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- BETTI, Patrícia. **Turismo Comunitário na Economia Solidária**. VI Encontro Nacional da Anppas, v. 18, 2012.
- CADERNO EMPÍRICA / Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Estadual de Campinas, Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários/UNICAMP - Campinas, SP: Instituto de Economia, 2009.
- CAMARA DOS DEPUTADOS. **Lei das cooperativas sociais**, 1999. <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1999/lei-9867-10-novembro-1999-369585-norma-pl.html> Acesso em 14 de maio de 2018.
- CARDOSO, Gustavo; CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: do conhecimento à acção política**. **Imprensa Nacional–Casa da Moeda: Belém-Portugal**, 2005.
- CARVALHO, Alberto Rodrigues Câmara de. **MIGRANTES EM BRASÍLIA: Os Motivos, as dores e os sonhos numa perspectiva clínica**. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- CENTRO DE INCUBAÇÃO DE ATIVIDADES EMPREENDEDORAS. **O que é uma incubadora?**, 2018. <http://www.ciaem.ufu.br/saiba-mais/o-que-e-uma-incubadora> Acesso em 14 de maio de 2018.
- CODEPLAN - COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL. **Brasília Metropolitana**. Brasília, 2017.
- COELHO, Anny Leticia Pereira. **ADEQUAÇÃO SOCIOTÉCNICA E TECNOLOGIA SOCIAL: os desafios na organização do trabalho da Associação de Reciclagem e Proteção Ambiental (ARPA)**. 2015.
- CONTEÚDO JURÍDICO. **Vade Mecum Brasileiro: Lei nº 4.899, de 8 de agosto de 2012 - Institui a Política Distrital de Fomento à Economia Popular e Solidária**, 2012. <http://www.conteudojuridico.com.br/vade-mecum-brasileiro,lei-no-4899-de-8-de-agosto-de-2012-institui-a-politica-distrital-de-fomento-a-economia-popular-e-solidaria,41416.html> Acesso em 15 de junho de 2018.
- CULTI, Maria Nezilda; KOYAMA, Mitti Ayako H.; TRINDADE, Marcelo. **Economia Solidária no Brasil: tipologia dos empreendimentos econômicos solidários**. São Paulo: Todos os Bichos, 2010.

CRUZ, Antonio. É caminhando que se faz o caminho diferentes metodologias das incubadoras tecnológicas de cooperativas populares no Brasil. **Cayapa. Revista venezolana de Economía Social**, v. 4, n. 8, 2004.

DA CRUZ, Rita de Cássia Ariza. **Introdução à Geografia do Turismo-Segunda Edição**. Editora Roca, 2003.

DE AZEVEDO, Ingrid Santos Cirio et al. **ANÁLISE DAS INCUBADORAS UNIVERSITÁRIAS DO BRASIL**.

DE FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho. **Ação pública e economia solidária: uma perspectiva internacional**. Editora da UFRGS, 2006.

DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. Atlas, 2005.

ECOSOL BASE BRASÍLIA. **Quem somos**, 2018. <http://www.ecosolbasebrasil.com.br/index.php/quem-somos/atividades/> Acesso em 14 de maio de 2018.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOVERNO DE BRASÍLIA. **Geografia**, 2018. Disponível em <http://www.brasilia.df.gov.br/333/> Acesso em 06 de maio de 2018.

HSM EXPERIENCE. **O “canvas” do modelo de negócios**. Disponível em: <<https://experience.hsm.com.br/posts/o-canvas-do-modelo-de-negocio>>. Acesso em: 16 de julho de 2018.

IGREJA, Adriana; BETTI, Patrícia; DOSZA, Denys; D'AROS, Marlene S. **Economia Solidária e Turismo de Base Comunitária: Uma Proposta Metodológica em Construção**.

INCUBADORA DE EMPRESAS DE BASE TECNOLÓGICA. **Quem somos**, 2018. <http://www.inbatec.ufla.br/programa-de-incubacao/sobre-as-incubadoras-de-empresas/> Acesso em 14 de maio de 2018.

ÍNDICE FIRJAN DE DESENVOLVIMENTO MUNICIPAL. **Publicações**, 2018. <http://publicacoes.firjan.org.br/ifdm/2015/files/assets/basic-html/page-18.html> Acesso em 06 de maio de 2018.

ÍNDICE FIRJAN DE DESENVOLVIMENTO MUNICIPAL. **Brasília-DF (Ano 2013) – IFDM e Indicadores**, 2013. <http://www.firjan.com.br/ifdm/consulta-ao-indice/ifdm-indice-firjan-de-desenvolvimento-municipal-resultado.htm?UF=DF&IdCidade=530010&Indicador=1&Ano=2013> Acesso em 06 de maio de 2018.

INCUBADORA TECNOLÓGICA DE COOPERATIVAS POPULARES PROEC/UFPR. **História da ITCP**, 2018. [http://www.itcp.ufpr.br/?page\\_id=413](http://www.itcp.ufpr.br/?page_id=413) Acesso em 09 de junho de 2018

- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Contas regionais do Brasil - Distrito Federal**, 2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/df/pesquisa/10060/60147?ano=2015> Acesso em 06 de maio de 2018.
- INSTITUTO FEDERAL PARAÍBA. **Incutes do IFPB participa de evento em Montevidéu**, 2016. <http://www.ifpb.edu.br/noticias/2016/10/incutes-do-ifpb-participa-de-evento-em-montevideu> Acesso em 09 de junho de 2018
- ITCP COPPE UFRJ. **Curriculum da ITCP**, 2018. [http://www.itcp.coppe.ufrj.br/a\\_itcp\\_curriculum.php](http://www.itcp.coppe.ufrj.br/a_itcp_curriculum.php) Acesso em 09 de junho de 2018
- ITCP UNICAMP. **Quem somos**, 2018. <http://www.itcp.unicamp.br/drupal8/node/8> Acesso em 09 de junho de 2018
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli EDA. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. 1986.
- MANZINI, Eduardo José. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. **Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos**, v. 2, p. 10, 2004.
- MINISTÉRIO DO TRABALHO. **Centro de Economia Popular e Solidária faz 820 atendimentos em 7 meses**, 2018. <http://trabalho.gov.br/noticias/5576-centro-de-economia-popular-e-solidaria-faz-820-atendimentos-em-7-meses> Acesso em 14 de maio de 2018.
- MOESCH, Marutschka Martini. **A epistemologia social do turismo**. São Paulo: USP, 2004. Tese (Doutorado em Relações Públicas, Propaganda e Turismo) – Escola de Comunicação e Arte, Universidade de São Paulo, 2004.
- MOVIMENTO NOSSA BRASÍLIA. **Nossa Brasília lança Mapa das Desigualdades do Distrito Federal**, 2016. <http://www.movimentonossabrasilia.org.br/nossa-brasilia-lanca-mapa-das-desigualdades-do-distrito-federal-2016/> Acesso em 05 de maio de 2018
- OBSERVATÓRIO DO TURISMO DO DF. **Lazer e atrativos**, 2018. <http://www.observatorioturismo.df.gov.br/index.php/lazer-e-atrativos-turisticos/atrativos-culturais/> Acesso em 06 de maio de 2018.
- OBSERVATÓRIO DO TURISMO DO DF. **Alimentos e bebidas**, 2018. <http://www.observatorioturismo.df.gov.br/index.php/alimentos-e-bebidas/> Acesso em 06 de maio de 2018.
- OBSERVATÓRIO DO TURISMO DO DF. **Meios de hospedagem**, 2018. <http://www.observatorioturismo.df.gov.br/index.php/meios-de-hospedagem/> Acesso em 06 de maio de 2018.
- OLIVEIRA, T., C., S., de; ADDOR, F.; MAIA, L. As incubadoras tecnológicas de economia solidária como espaço de desenvolvimento de tecnologias e inovações sociais. **R. Tecnol. Soc.**, Curitiba, v. 14, n. 32, p. 38-59, Ed. Especial. 2018.

- PERISSÉ, Camille et al. A Avaliação do Proninc 2017: metodologia e resultados. 2017.
- SEBRAE. **Quais os tipos de incubadoras existentes?**, 2018. <http://www.sebrae-sc.com.br/leis/default.asp?vcdtexto=4827&%5E%5E> Acesso em 14 de maio de 2018.
- SECRETARIA ADJUNTA DE TURISMO. **Setul**, 2018. <http://www.turismo.df.gov.br/> Acesso em 14 de maio de 2018.
- SILVA, João Paulo; DE JESUS, Paulo; DA FONSECA, Jadson Minervino. **Turismo, economia solidária e inclusão social em Porto de Galinhas, PE**. Caderno Virtual de Turismo, v. 11, n. 3, p. 325-340, 2011.
- SILVA, Johnatan Reis da. **Planaltina história e cultura**. Fotorreportagem realizada para obtenção de título de bacharel no curso de Comunicação da Universidade de Brasília-UnB, Brasília 2015.
- SINGER, Paul. Fundamentos. In: Introdução à Economia Solidária. Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2002.
- STEINBERGER, Marília. "Territórios Turísticos no Brasil Central." Brasília: LGE Editora (2009).
- PORTAL DO IPHAN. **Brasília (DF)**, 2018. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/359/> Acesso em 06 de maio de 2018.
- PORTAL UNIFEI. **INTECOOP – Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares**, 2018. Disponível em <https://unifei.edu.br/extensao/empreendedorismo-e-inovacao/intecoop/> Acesso em 09 de junho de 2018
- PROGRAMA MULTIDICIPLINAR DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE O TRABALHO E OS MOVIMENTOS SOCIAIS. **Quem somos**, 2018. Disponível em <http://www.unitrabalho.uem.br/sobre-34#1> Acesso em 10 de julho de 2018.
- UNISOL BRASIL. **Lei favorecerá a economia popular e solidária do Distrito Federal**, 2012. <http://www.unisolbrasil.org.br/lei-favorecera-economia-popular-e-solidaria-no-distrito-federal/> Acesso em 06 de maio de 2018.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ. **Conheça a Intecoop**, 2018. <https://2015.unifei.edu.br/intecoop> Acesso em 09 de junho de 2018
- UNOCHAPECÓ. **Incubadora Tecnológica De Cooperativas Populares**, 2018. <https://www.unochapeco.edu.br/incubadora-tecnologica-de-cooperativas-populares> Acesso em 09 de junho de 2018

# APÊNDICES

## Roteiros de entrevistas semiestruturadas

### Apêndice A: Entrevista com o Centro Público de Economia Popular e Solidária/DF

#### Roteiro de Entrevista

##### Dados Pessoais

Nome do entrevistado:

Profissão:

Instituição que representa:

Há quanto tempo está na instituição

Telefone:

E-mail:

##### Perguntas:

1. Como o Centro Público atua no cenário do DF?
2. Quais têm sido os obstáculos/desafios para o desenvolvimento de iniciativas de Economia Solidária no DF?
3. Quantas iniciativas solidárias foram cadastradas no Cadastro Nacional de Empreendimentos Econômicos Solidários e Comércio Justo (CadSol)?
4. Existem empreendimentos cadastrados que atuam diretamente com o Turismo? Quais?
5. Quais as fontes de financiamento do Centro?
6. Quais as fontes de financiamento existentes para as iniciativas solidárias?

## Apêndice B: Entrevista com o Centro de Desenvolvimento Tecnológico da UnB

### Roteiro de Entrevista

#### Dados Pessoais

Nome do entrevistado:

Profissão:

Instituição que representa:

Há quanto tempo está na instituição

Telefone:

E-mail:

#### Perguntas:

1. Qual a história da incubadora? (ano de criação, abrangência da atuação, principais atividades desenvolvidas, etc.)
2. Como surgiu a ideia de criação?
3. Quem trabalha? Quem se responsabiliza?
4. Quais os principais desafios enfrentados desde a sua concepção?
5. Como se dá o trabalho dentro da **Universidade**? Quais os principais desafios/obstáculos?
6. Em sua opinião, quais os diferenciais da incubadora do CDT?
7. Quais são as fontes de financiamento da Incubadora? E, quais são especificamente as fontes de financiamento da modalidade de tecnologia social?

## Apêndice C: Entrevista com o Centro de Excelência em Turismo da UnB

### Roteiro de Entrevista

#### **Dados Pessoais**

Nome do entrevistado:

Profissão:

Instituição que representa:

Há quanto tempo está na instituição

Telefone:

E-mail:

#### Perguntas:

1. Atualmente, o CET teria condições de criar e gerir uma ITCP na área de Turismo?
2. O CET tem interesse na implantação de uma ITCP na área de turismo? Por quê?
3. Como o CET poderia contribuir com o processo de criação? (Espaço físico? Suporte docente? Suporte técnico, logístico e jurídico?)
4. Quais áreas de atuação poderiam ser exploradas por essa ITCP?
5. Quais poderiam ser as fontes de financiamento?